FON FON
ANNO XXIII — N.º 20
Rio, 18 de Maio de 1929
Preço: 1$000

— Que tragico momento quando, no meio da festa, sentiu aquella horrivel dôr de cabeça que o fez cahir num sofá, emquanto todos, angustiosos, o rodeavam!

Graças, porém, a um feliz acaso, um amigo seu trazia no bolso CAFIASPIRINA. Dois comprimidos, um copo d'agua, e... dentro de cinco minutos estava outra vez dançando, tão bem disposto e alegre como d'antes!

Desde então, elle leva sempre comsigo, a toda festa ou reunião social que vae, "para o que possa succeder", um tubo da nobre e excellente

CAFIASPIRINA

Ideal contra as *dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas e rheumatismo; consequencias das noites passadas em claro, dos excessos alcoolicos, etc.*

Não affecta o coração nem os rins.

O conto brasileiro

VINGADO! ...

MUITO viajava Paulo Antonio, dentista ambulante, pelos sertões de Pernambuco; ora, a convite de algum fazendeiro, para se utilizar dos seus serviços profissionaes; ora, para os offerecer a quem delles necessitasse.

Em palestra, contára historia grotesca de certa senhora ao coronel Soares Abreu, em casa de quem se hospedára, por nunca pensar que a pessôa de quem tratava, velha avara e pobre, fosse tia do fazendeiro; e, mais ainda, por ter sido caso raro, excepção unica da proverbial bondade, do agasalho affectuoso do sertanejo liberal.

Do caso duvidou o coronel Abreu. Contestou-o; e, por isso, tiveram uma polemica.

Poucas horas depois, já se não lembrava Paulo Antonio do que se passára.

O fazendeiro, porém, era mau, orgulhoso; mandára chamar Zé Barauna, e ordenara-lhe désse algumas chicotadas no hospede.

— Aquelle tratante teve o desaforo de me levantar a voz!

— Está bem, capitão; não se incommode, que o descarado ha de lhe pagar o novo e o velho! Deixe a cousa correr pela minha conta.

— Tambem ignoras que eu já seja coronel?!

Soares Abreu havia sido nomeado coronel da Guarda Nacional, mas tinham muitas pessoas o mau habito de, até nos sobrescriptos das cartas ao mesmo dirigidas, dar-lhe o antigo tratamento de capitão, com o que o octogenario dava já cavaco.

Contrafeito, disse o capanga, a sorrir:

— Perdão, seu coronel!

— Não vás, Barauna, com esse teu genio mau, estrangular o moço! O que se deu entre nós não é tão grave, que o faça merecedor de maior castigo!

— Não será o primeiro de quem eu tenha bebido até o sangue! — dissera por força de expressão. — Para que o senhor ter mais incommodos em algum dia? O melhor será eu liquidar o sujeitinho! O senhor sabe... não sou de meias medidas!...

— Não, Barauna; quero só que leves este chicote e escoves bem o paletó do infamissimo! Porém, deves sacudir todo o pó do paletó do tratante, pois pretendo guardar o chicotinho como recordação! Tu me comprehendes!...

— Escovarei o paletó do homem, para cumprir as suas ordens; e, o que mais fizer, será por minha conta.

No dia seguinte, despediu-se Paulo Antonio somente da familia do fazendeiro, porque se occultára este, e partiu. Zé Barauna foi-lhe no encalço. Dali a duas legoas, apeou-se o primeiro para descansar numa venda, porque estava o sol muito quente. Não tardou muito a chegar o facinora, que vinha a toda a brida.

Reconheceu o cavallo da futura victima, apeou-se tambem, dizendo comsigo: "O homem agora não me escapa!" Entrou, e pediu um *trago de caninha!*

Sentado ao pé da tôsca mesa, dirigiu-se-lhe o dentista com amabilidade:

— Não desejaria o senhor beber um copo desta cerveja?

— Não, senhor — respondeu seccamente.

— Ora!... não faça cerimonia!

Instou tanto, com delicadezas taes, que se sentou Zé Barauna a seu lado, e acceitou o copo de cerveja.

Levantou-se por fim Paulo Antonio, e convidou-o:

— Desde que vae pelo mesmo caminho, não haveria inconveniente em irmos juntos. Iremos a conversar, e tornar-se-á a viagem menos penosa.

Accedeu Zé Barauna a acompanhal-o; e dizia comsigo já não faria o que ia fazer pela sua conta, em vista da delicadeza, da bondade do moço; não podia era deixar de o chicotear, por causa do compromisso que avocara, e... não voltava com a palavra atraz!

Amistosamente iam palestrando os dois, quando, de repente, o interrogou Paulo Antonio:

— Conhece um tal Zé Barauna que ha por aqui?

— Conheço-o — respondeu o proprio citado!

— Dizem que esse sujeito é assassino de profissão; será verdade?

— Não é tão ruim como a pintam! A que vem essa pergunta?

— Ha poucos dias, fiz um grande favor a esse monstro, sem o co-

O Commentario

OS fructos dos máus governos prolongam-se no tempo como os da má educação. O que se vae passando na nossa administração publica bem mostra a que descalabro iriamos ter si o pulso forte do actual presidente não agarrasse pela gola e sacudisse na rua alguns dos negocistas e deshonestos habituados á mais franca impunidade.

Uma verdadeira onda de lama. As roubalheiras e desfalques surgem de toda parte e a gente tem a impressão dum organismo social apodrecido. De todos os lados as noticias de ladroeiras mais descaradas e mais vultosas. De todos os lados e todos os dias. Hoje se descobre uma quadrilha de funccionarios mancommunados com particulares que opera na Caixa de Amortização, subtrahindo ao fogo o dinheiro recolhido. Amanhã se pega com a bôcca na botija outra quadrilha da mesma natureza, trabalhando na Alfandega. Depois, são desfalques na Inspectoria de Portos ou nas dependencias do Thesouro. Chegam noticias de coisas similhantes em Santos, em Porto Alegre, no Centro, no Norte. Rouba-se na Casa da Moeda e no Banco do Brasil. Um coronel do exercito mareia seu galões. E a imprensa explora os escandalos successivos.

Onda de lama!

nhecer, e o que me poderia custar a vida...

Sentiu Barauna forte commoção.

— Saberá elle disso?

— De certo, porém, não ha de saber que fui eu quem fez o favor. Tambem... não quero que me seja reconhecido.

— Que seria, meus Deus?!... E' segredo? — perguntou, meio impaciente.

— Foi o seguinte: Um dia, passava eu por uma casa, na qual alguem já me havia dito morar o facinora. Pouco adeante, á beira do riacho, achava-se uma preta velha a lavar roupa; e um filho do bandido, que mal engatinhava, estava sentado no chão, a pouca distancia della.

"De repente, surgiu á superficie da agua enorme jacaré, bicho medonho, arremetteu contra a preta; e esta só teve tempo de subir num urucuri, alli perto. Raivoso ficou o voraz reptil, a rodear a palmeira, como boi selvagem.

"Vinha eu a cavallo, parei a apreciar aquella scena, sem ter visto, até então, a criança; quando, porém, se me deparou o innocente, o modo que me ficou paralysado o coração. Nunca senti tamanha perturbação da alma na minha vida!

CONTO BRASILEIRO

(Continuação)

. . .

"Estava o pequeno a brincar com uma vareta na mão. De momento, não sei o que o incommodou, fez beicinho, deu um grito frenetico. A fera ergueu a cabeça, viu a criança e proseguiu no mesmo proposito, para onde estava a pobrezinha.

"Nessa occasião, não pensei na vida: saltei do cavallo, e soltei um grito pavoroso, tão alto, que desistiu o jacaré do intento, e veiu perseguir-me.

"A minha salvação foi encontrar eu uma foice, com a qual dei golpe tão certeiro na bocca do animal, que lhe mutilei a queixada! De dôr debateu-se o bicho no chão, parou por um instante, e continuou a perseguir-me. Porém nessa occasião perseguia-me somente pelo seu instincto mau: porque já não tinha forças. Dei-lhe na cabeça mais duas foiçadas; eil-o desfallecido.

"Depois de terminada a luta, foi que notei estar a preta em cima do urucuri, mas acompanhada da criança! Para o medo não ha impossiveis, disse de mim para mim.

Por que meio conseguiu a preta subir com o pequeno, não soube ella explicar: tanto assim que, para descer, me deu trabalho extraordinario!."

Tinha o facinora os olhos rasos de agua.

— Meu amigo, foi muito nobre sua acção: não quiz o senhor saber se a criança era filha do scelerado, pois, na verdade, os corações dos paes são todos da mesma natureza. Asseguro-lhe que lhe é muito-muito grato o tal Barauna...

— Não faço questão disso — atalhou Paulo Antonio. — Não podendo fazer bem aos meus semelhantes, não lhes procuro fazer mal. Trato a todos com carinho, e tenho a certeza de que ninguem deste meu Estado ha de me desejar mau fim. A prova está no facto de viajar eu sempre por este sertão, sem ser ao menos acompanhado por um guia.

Emquanto contava o dentista a historia do caimão, mentalmente procurava Zé Barauna o meio de o salvar do revez que o esperava.

pode ser preparada num momento, graças ao Refrigerador "General Electric". Tanto no verão como no inverno, o frio secco é indispensavel á saude domestica. Em nosso clima, por muito que a temperatura baixe, nunca attinge o limite exigido para uma perfeita conservação de alimentos. No Refrigerador "General Electric", ella não varia. O frio é secco e a carne, o leite, as fructas e as mais delicadas iguarias não ficam sujeitas aos perigos da deterioração. Conservam todas as suas propriedades nutritivas.

GENERAL ELECTRIC

Rio de Janeiro — Av. Rio Branco, 60/64

- 106 -

Precisava o facinora conseguir nada soffresse o salvador do filho. Pensou, pensou muito, sorriu-se intimamente e com desdem!

— Vae ver quanto lhe é reconhecido o tal Barauna. Desça do cavallo, e dê-me o paletó — disse, puxando o chicote que trazia occulto.

Perplexo ficou o viajante á vista do repente do companheiro:

— Que pretende fazer o senhor?

— Por favor, não se recuse: está tratando com pessoa amiga. Desça!

— ?! ...

— Ouça: sou o infamissimo, o bandido, o perverso Zé Barauna!

— ?! ...

— Pelo amor de Deus, pelo amor que tem aos filhos, dê-me o paletó!

Tal foi a insistencia de Zé Barauna, sobremodo delicada, que se apeou Paulo Antonio, despiu o paletó e lh'o entregou.

Com o chicote, bateu aquelle algumas vezes naquella peça de vestuario, e restituiu-a depois ao viajante, dizendo-lhe:

— Pagaram-me para escovar, bem escovado, o seu paletó com este chicote. Não o desejava eu fazer, tendo-o vestido, para não lhe maltratar o corpo; por isso pedi a vossa senhoria que o despisse.

CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

* * *

E narrou tudo o que havia combinado com o fazendeiro.

— Tratante, hein?!

— E', meu amigo; foi infame para com vossa senhoria, bem vejo. Vou entregar-lhe agora o chicote e dizer-lhe que sacudi a poeira do paletó; não, como o queria elle, mas escovei-o, como entendi.

— Diga-lhe tambem que não lhe desejo mal algum; farei apenas esforços por nunca e jámais tratar com individuo de tal qualidade!

— Não falemos nesse homem! De hoje em deante vou seguir o exemplo do amigo: só farei bem aos meus semelhantes. Adeus, meu bemfeitor; se o meu filho tivesse morrido nas garras do jacaré, talvez estivesse eu a estas horas em algum hospicio de doidos.

Beijou a mão de Paulo Antonio, e sahiu a philosophar: se habitado fosse este mundo unicamente por pessoas puras, como aquelle homem, não seria elle facinora.

Chegou á casa do coronel Soares Abreu, que o esperava todo contente:

— Dá-me, Barauna, dá-me esse chicote, que vou guardal-o como recordação!... Escovaste bem o paletó do malcriado, não é assim?

— Sim, senhor; não, como o senhor queria, mas escovei-o, como entendi.

— Que fizeste mais, além do que te mandei? Vê lá: foi pela tua conta!...

— Sim, senhor: o paletó do homem ficou bem escovado... lá por isso não haja duvida!

Viu o fazendeiro, na declaração sibyllina de Zé Barauna, a ironia sinistra do mandatario impune, habituado a exceder as ordens do mandante. Com risinho sardonico a encrespar-lhe os labios, murmurou lá com os seus botões.

— Com certeza, esta fera liquidou o rapaz, e jogou-o depois no rio...

E sentiu-se mais vingado.

HORMINO LYRA.

EDITH

A gente só vê a felicidade, direitinha como ella é, na juventude: quando os nossos sorrisos se casam com as flôres.

Nessa epoca tudo em nós é verde; é esperança: — os sapatinhos de verniz, a roupinha de marinheiro, os caminhos, os sonhos, o porvir...

E a vida corre alegre, entre a meiguice das despreoccupações e a innocencia dos peccados.

Coisa bonita quando o coraçãozinho rompe a corôla da infancia para receber na frescura da sua adolescencia a influencia de uns olhos de mulher! Que reacção bem forte lhe faz esse opio na candura da existencia...

Maravilhósa transformação começa, ahi, a passar a pureza da sua alma, na febre, então incomprehensivel, de louca attracção pelos olhos magicos.

Os dias felizes vão buscar nos annos a comprehensão verdadeira da vida. Passa-se o tempo com todos os sentimentos de ternura e de amôr em volta de quem nos roubou a infancia.

Mas... um dia se separam. Succedem-se ás saudades preoccupações differentes. O tempo é enorme, vasto, sem limites. Com elle, com a sua indifferença, o coração adormece. E a gente esquece o paraiso.

Si ella se casa com outro, a amôr volta-nos desesperado. O coração escuta-lhe a pisada e acordo. Grita á memoria! Chama o passado! E este, timido, sussurrante, alegre, envolto em fagueira lembrança, vem augmentar-lhe o inferno.

Eu tenho um desses corações...

BRAZ GLÉTTE

Os luxuosos paquetes que ligam o Rio de Janeiro com outros paizes são afamados pela sua bôa cozinha.
Em quasi todos os paquetes de primeira classe se faz uso exclusivo do Sal Cerebos, tal e qual como nas casas onde ha uma dona de casa intelligente. Este sal tem fama mundial.
O Sal Cerebos é cioso da sua reputação. Ha só uma qualidade—a melhor—para os salões de jantar d'este paquete e para *Vossa Excellencia.*

CEREBOS
SALT

Barbacena

As cidades e as mulheres como se identificam...! Ha mulheres de linhas esculpturaes, tendo elegancia de ondas, no corpo, fructas maduras, na bocca, melancolia d'agua parada nos olhos, mas, que, se nos encantam, não chegam ao nosso coração. Assim, ha cidades heraldicas, soberbas, que ostentam collares de luzes, se pintam no arco-iris, riem nas campainhas estridulas dos cinemas, se vestem, á noite, com as pedras preciosas dos annuncios luminosos, bem, escandalosamente, nos salões elegantes, são melindrosas, futeis, sem esse encanto indeciso das meninas bem educadas que respeitam os antepassados e não cruzam as pernas, para mostrar as iniciaes que trazem nas ligas...

Barbacena é u'a menina envergonhada, naturalmente bella, sem "rouge", saudavel, rindo na alegria polchromica das flores; vae ao cinema, de cabellos soltos, sem chapéo, sem apparatos, e dança, ás vezes, no club que é um brinquedo de fadas. Nas tardes de crepusculos admiraveis, faz romanticas poesias que a noite, um pouco myope, com o monoculo da lua, passa para o livro grande do céo, fazendo pontuações com as estrellas.

Barbacena não lê romances porque não tem tempo; agrada-lhe o trabalho; na sua cesta de costura ha uma porção de cousas bonitas. Tem sensibilidade: para esquecer-se de José Silverio dos Reis, que foi máo, fez na Estação do Sanatorio uma "Assistencia a Alienados", para lembrar-se de José Joaquim da Silva Xavier, que foi bom, pintou o braço direito delle, no distinctivo que usa. Quando nasceu, chamaram-na Egreja Nova; nesse tempo ninguem lhe dava importancia. Depois, — foi em 1791 — o visconde de Barbacena gostou della e ella ficou com o nome delle. Como todas as moças bonitas, tem um appellido: — "Princeza dos Campos". Eu digo que ella é a cidade da meninas dos meus olhos!

Carlos Madeira

A Segunda Esposa

DE HOLLOWAY HORN

RODOLPHO Whithycombe — nome muito conhecido no mundo das conservas como garantia de especialidade nos productos, se acreditarmos no que dizem os annuncios, — cahiu gravemente enfermo, de uma influenza complicada.

Uma tranquilla e activa enfermeira foi chamada para tratal-o em sua magnifica casa de campo, e o assistiu muito efficazmente até a convalescença. Tres mezes depois, com a mesma tranquilla habilidade, casava-se com elle.

Whithycombe restabelecera-se completamente de sua enfermidade, e seria inutil apontal-a como causa principal do successo. De qualquer modo, porém, podia dizer-se que tivera sorte porque a noiva era uma rapariga encantadora. E, a despeito do que diziam as pessoas pouco indulgentes, Rodolpho tinha muitos bons pontos a seu favor. A casa de campo mencionada era indubitavelmente unica no genero e, como succede sempre com os millionarios, elle era bem parecido. E' certo que tinha cincoenta e cinco annos; mas em nossa época, um homem rico, de cincoenta e cinco annos, é quasi um rapaz. A desvantagem maior que possuia era crêr na propria efficiencia, pensamento que se assemelhava á confiança de uma criança. Acreditava que o lar podia ser dirigido pelas mesmas leis que regiam seus negocios. E' uma pequena fraqueza de nossos principes mercadores e as esposas sensiveis desilludem-se a miudo com elles.

A nova senhora Whithycombe era uma rapariga moderna, de trinta annos. Linda, com intelligentes olhos escuros. O casamento não fôra romantico; mas uma rapariga sensata, de trinta annos, geralmente desconfia do romance, e um millionario de cincoenta e cinco não chegou á idade verdadeiramente romantica dos millionarios. Assim era, segundo o que diziam algures, um casamento de conveniencia. A causa de disturbios domesticos era a defunta, a primeira, a original senhora Whithycombe. Ella creára este papel, e era evidente que sir Rodolpho esperasse que a sua successora se conformasse com tão bom modelo. Era ridiculamente antiquada, mas sir Rodolpho não entendia muito das transformações operadas na mulher.

Com o correr das semanas, a nova Lady Whithycombe tornou-se muito sceptica relativamente a sua antecessora, e muito irritada pela sua superioridade ponderada. A crêr no que lhe dizia o marido, nunca havia discutido, passára a vida a seus pés, admirando-o sobretudo pela actividade. Possuia todas as virtudes... todas. Era horrivel. O marido enchera o horizonte de sua vida. Seus exitos lhe bastavam.

Para a nova Lady parecia tratar-se de um antigo caderno de copias, em que nada de novo se escrevera. Tudo aquillo era detestavel para uma mulher moderna.

Não havia, sobretudo, olhado para nenhum homem além do marido, a sua antecessora.

Não ia a bailes e desapprovava que dançassem as mulheres casadas. E elle estava de accordo com ella.

Uma mulher casada tem o marido. Para que, por conseguinte — perguntava a si mesmo sir Rodolpho — tem necessidade de ir a bailes? Era simples e logico, como tudo que, se póde esperar de alguem que acredita em sua energia moral.

Lady Whithycombe escutava e pensava. Havia alguma cousa no marido que não era conveniente nem para elle nem para ella. Pensava que o exito e uma mulher demasiado zelosa de seus deveres podem deitar a perder um homem E punha-se a meditar sobre cousas assim...

Havia na casa varias photographias da primitiva senhora Whithycombe, e quanto mais a olhava, mais reflectia. Era muito simples, descobrira, como mulher intelligente, a maneira de manejar sir Rodolpho. Esses homens fortes, que falam muito, são argila nas mãos das mulheres. E era impossivel que alguma mulher fosse mais simples do que o original do retrato. Lady Whithycombe não comprehendia...

Até que um dia descobriu a verdade. "Descobriu" não é realmente o termo, porque na realidade ella lhe foi offerecida em um pacote de cartas que lhe trouxe Alfredo Tooms.

Lady Whithycombe nunca suspeitara da existencia daquelle Alfredo Tooms até aquelle momento em que a criada o annunciara.

— Diz que tem um assumpto privado para tratar com a senhora — disse Thereza.

— Quem é? Que aspecto tem?

— E' um typo bastante desagradavel — respondeu Thereza tossindo.

— Mendigo?

— Não senhora; não me parece que peça esmolas.

— Fal-o entrar; de toda a maneira...

Alfredo Tooms era um homemzinho com uma roupa de quadradinhos e calças muito justas.

De vez em quando deixava ouvir um ruido desagradavel no nariz. O cabello negro estava escrupulosamente untado e penteado. Seus olhos miudos examinaram ansiosamente o quarto quando entrou. Thereza tinha razão. O typo era desagradavel.

— Desejava vêr-me?

— Tenho a honra de dirigir-me á senhora de Whithycombe?

— Sou eu. Que deseja?

— Alfredo Tooms, para servil-a. Confidente... Isto é... ao serviço do major Fowler.

— Bom. E que mais?...

— Quando o major morreu foi meu dever... um penoso dever... examinar os papeis. Mandei a maior parte delles a seu pae; mas havia algumas cartas que me pareceu prudente reter. Havia muitas em pacotes. E encontrei algumas suas, senhora de Whithycombe. Pensei que dada... a sua natureza amorosa, a senhora teria interesse em rehavel-as... Não é assim?

— Posso vêl-as?

— Não seria isto negocio, minha senhora — sorriu elle desagradavelmente, agitando a cabeça, de modo que a oleosa negrura dos cabellos se desarranjou um pouco.

— Negocio?... E' intento seu fazer-me uma "chantage"?

— E' uma palavra dura esta e não ha necessidade de dizer cousas desagradaveis. Mas desde que pronunciou o nome não tratarei de rectifical-o. Quero cem libras por estas cartas.

— E em caso contrario, envial-as-á a sir Rodolpho, não é assim?

Cada palavra de Lady Whithycombe foi pronunciada pausadamente. Alfredo Tooms resfolegou com força, assombrado. Além de tudo, não era isto o que esperava de uma senhora.

A janella que dava para o jardim estava aberta, e naquelle momento, um dos jardineiros, amavel gigante, passava por dian-

te della. Lady Whithycombe chamou-o.

— Oliver!... — disse Alfredo Tooms.

— Jevons, quer ficar por ahi um momento para que te possa chamar em caso de necessidade?... Agora — voltou-se para Alfredo Tooms, — este homem o expulsará daqui se eu o ordenar.

— Quer a senhora... quer... procurar desgostos?

— Ouça, miseravel. Estas cartas foram escriptas pela primeira mulher de sir Rodolpho. Ella morreu ha dois annos, e casei-me com elle nessa primavera. Comprehende?

Apparentemente Alfredo Tooms comprehendeu.

— Muito engenhoso, minha senhora... Muito bem pensado...

— Engana-se. E' verdade. Agora vae dar-me as cartas ou chama-

A SEGUNDA ESPOSA — Conclusão

rei Jevons para que lhe dê uns pescoções. E lembre-se que ha muita lama e muito tojal no parque.

Alfredo Tooms sentiu que sua espinha dorsal se tornava gelatinosa.

— Mas não as tenho todas aqui! — balbuciou.

— Só quero as que tem comsigo. Póde guardar o resto.

Elle comprehendeu que dizia a verdade, que sua viagem era inutil e que realmente as attenções do jardineiro significavam um perigo.

Tirou um pequeno embrulho de cartas do bolso e deixou-o sobre a mesa.

— A senhora é... uma perfeita mulher! — disse com admiração.

— Agora, vae-te!

Alfredo Tooms não esperou a repetição da ordem.

Quando ficou só, Lady Whithycombe leu as cartas. Uma ou duas vezes riu asperamente, sobretudo na ultima.

"Meu amigo: Não posso. Amo-o, mas não posso. Isso anniquilaria Rodolpho. Elle confia em mim. Não sabe você até que ponto... do o seu tolo palavrorio de ...ça, de coragem e de energia... baria por terra se eu o deixasse...

Sabe menos do que os outros o que significo para elle. Não é sufficientemente sensivel para comprehendel-o. Eu amo a você e Amal-o-ei sempre. Se o tivesse encontrado antes do pobre Rodolpho! Mas, desgraçadamente, não foi assim. Tenho pensado bastante... Ronny. Não posso ir com você para o Egypto. Sonharei com o Nilo, mas nunca o verei em sua companhia. Adeus, meu amado! Adeus! — *Sylvia*.

"Pobre Rodolpho!" tinha ella escripto. "Pobre Rodolpho!"... uma palavra que a actual Lady Whithycombe nunca teria esperado que sua predecessora usasse para designar o marido.

Ella, a segunda esposa, estava sentada numa cadeira baixa, olhando o parque com seus grandes olhos intelligentes. As cartas jaziam-lhe no regaço. Tinha nas mãos a arma com que poderia fazer calar toda aquella cantilena sobre o que Sylvia havia feito e sobre toda aquella maravilha que fôra Sylvia... aquella que desaprovava bailarem as senhoras casadas...

Seria engraçado que estendesse a Rodolpho o pacote de cartas sem nenhum commentario. Sentiu, porém, duvidas a respeito. Teria direito a tal cousa? A morta não podia defender-se, ainda que o quizesse ou desejasse...

Era melhor, talvez, destruil-as ou guardal-as em algum logar seguro.

Juntou as cartas e quedou silenciosa com o pacote na mão, observando o gigante do jardineiro seguir seu methodico trabalho.

As cartas eram uma arma simples. Uma arma sufficientemente poderosa para destruir a confiança em si mesmo de sir Rodolpho e lançar por terra o pedestal impossivel sobre o qual contava sempre viver. Mas hesitava...

Num impulso brusco foi até o quarto que Whithycombe persistia, por uma razão incomprehensivel, em chamar seu "estudio". Uma photographia da primeira Lady ... contrava-se sobre a estufa, tranquilla, seria, grave. Olhou-a no rosto, por um momento, e sorriu.

E depois, tranquillamente, fechou a porta do "estudio" por detraz de si e no santuario do proprio dormitorio destruiu as cartas.

Westclox

Famosos Marcadores de Tempo

TODAS as pessoas necessitam de um bom relogio. Os Westclox são famosos em toda a parte por sua exactidão e linda apparencia. Sua utilidade, apparencia attractiva e valor intrinseco que representam têm-os tornado famosos em todo o mundo.

Estes elegentes modelos e muitos outros Westclox são vendidos por todas as bôas casas do genero.

WESTERN CLOCK COMPANY, LA SALLE, ILLINOIS, E. U. A.

Fabricantes de Westclox: Big Ben, Baby Ben, Pocket Ben, Bom Dia

FREIRINHA (São Paulo) — Uma cartinha *beige*. Nella V. Ex. me elogia e, logo em seguida, me pede a sua graphologia. E prevê que possa gostar de V. Ex. a quem não tenho a honra de conhecer... mais bonita... nem mais gorda...

Ora, a graphologia V. Ex. não a terá. Mas si faz questão de que goste de V. Ex., direi que gosto tanto quanto gosta de mim — a quem nunca viu mais feio... nem mais magro...

AMELIA VIDAL (São Paulo) — Aqui está a sua missiva, n'um magnifico papel de 12.ª (decima segunda) classe.

Escreve V. Ex. com o seu brilhante estylo de illuminada... á luz electrica...

"Presado senhor Yves — Felicidades — Ha muito tempo que eu desejava escrever-lhe para pedir-lhe o favor de fazer a minha graphologia mas sempre fui adiando com receio de lhe encontrar num momento em que já estivesse esgotada toda a sua paciencia e não me attendesse.

Mas como tudo chega o seu dia é hoje que lhe escrevo e peço que me attenda e desde já lhe agradeço.

Tendo uma pergunta a fazer-lhe mas peço que não se zangue: é que sempre o sr. escrevia pequenos contos com enthusiasmo e agora escreve sempre com ma vontade e sempre se queixa que não tem assumpto? será do muito trabalho que provem.

O sr. quer me dar um conselho?

Porque a gente se cansa tanto de viver e quereria mudar completamente de vida de costumes e linguas etc e de tudo o que nos rodêa?

Teria muita coisa a lhe perguntar mas basta pois não quero abusar da sua paciencia.

Sou sua admiradora e desejo-lhe bastante saude — *Amelia Vidal*."

Aqui tem agora as respostas que devo a V. Ex.:

A — Não entendo nada de graphologia. Nem uma letra.

B) — E' verdade. Ha sete annos que escrevo sem parar. Estou esgotado. Esgotado e fatigado. Repare que o "Saibam todos" nunca deixou de sair. Supportar tanta mediocridade durante sete annos, ou seja 84 mezes, equivalentes a 2.520 dias, é para desorientar um mortal, que só ainda pega da penna porque não tem forças para pegar da enxada!

C) — Quando a gente se cansa de viver na civilização e deseja

mudar de vida, de costumes e de linguas, o melhor é internar-se pelas florestas e incorporar-se a alguma tribu, mais ou menos selvagem. A transição de vida é violenta e definitiva. Conheço uma senhorita muito feia, que teve esse extravagante desejo. E sabe o que ella fez? Internou-se no Jardim Zoologico. Actualmente ella está transformada em leôa... Dizem que está para casar com um macaco africano.

Que gente de má lingua, hein?

MARLOGUI (S. Paulo) — Não posso fazer o exame da sua graphia. Desculpe. Quanto ao abraço, não o posso acceitar. Estamos muito longe, um do outro...

NAVEGA CRETTON (?) — Tenha paciencia: o seu soneto não serve para o FON-FON.

EDUARDO MARTINELLI (Bahia) — Queira escrever á machina. Não pude decifrar a sua letra.

FLOR DEL FANGO (Capital) — Ha dias V. Ex. me escreveu uma carta na qual me dizia, textualmente: "Sr. Yves, desejaria muito offerecer-lhe umas empadas saborosas, feitas pelas minhas mãos, para lhe provar que sou uma excellente cozinheira..."

Vi logo que se tratava de uma brincadeira de V. Ex.

Mas hoje ao lêr a sua nova carta, meditei bastante na sua revelação das empadas...

Sim, si V. Ex. é, de facto, uma excellente cozinheira, é bem de vêr que eu não poderia discutir, vantajosamente, com V. Ex., a technica dos bons quitutes, sem ao menos, abrir o "Manual da Cozinheira."

No mesmo caso, está V. Ex. — que não póde discutir commigo assumptos graphologicos, sem abrir, antes, um tratado da sciencia do abbade Michon.

V. Ex. diz que não me mandou o "desenho de sua letra". Ora, o que nós chamamos em graphologia o "desenho da letra" é a *fórma que ella toma na escripta*. E' a sua *morphologia*. A linguagem é puramente technica.

Como vê, eu não discuto detalhes de cozinha com V. Ex. — que se gaba de ser bôa cozinheira — seja brincando ou não. Pelo mesmo motivo, V. Ex. não pode discutir graphologia com uma pessôa que a estuda scientificamente.

Olhe o caso da sandalia de Apelles.

Quanto aos outros termos da sua carta, não merecem resposta.

MARCOS (São Paulo) — Si não encontrou, nessa capital, os livros que deseja, queira dirigir-se á Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166, aqui no Rio. E o senhor será attendido.

Quanto ao meu romance, "Uma *garçonne* carioca", deve apparecer em agosto deste anno. Não é um livro para "jeune fille": é uma obra para as mulheres que soffrem, desamparadas pela sociedade, cuja unica responsavel pela situação a que o destino as conduz, é ella mesma, com os seus preconceitos ferrenhos. O meu romance é dedicado ás mulheres desventuradas, a quem procuro redimir dos erros que commettem, exaltando-lhes o soffrimento, que é a gloria dos que padecem pelo amor.

Essa nota tem o valor de uma réclame. E' logico, não é?

LUIZA (S. Paulo) — Sim. Conte-me a sua historia.

Não será V. Ex. a primeira a me confiar os seus segredos. Si é que V. Ex. não é dessas damas cuja historia mais linda é não ter historia.

Aliás, si V. Ex. é uma senhora (ou senhorita?) historica, — não no sentido de ser velha, como os republicanos historicos, — eu não posso figurar todo o amoroso romance da sua vida de moça bonita...

Imagino-a amando, sem, no emtanto, ser comprehendida. (Toda mulher ou é original ou incomprehendida). Vejo uma silhueta ao luar. Depois, outra que chega. Encontram-se. Beijam-se. Abraçam-se. Tudo isso ao luar. No segundo acto, as duas silhuetas desapparecem, n'um recanto do jardim. Elle, é o seu noivo, que a engana. Ella, é a "outra", que rouba o amor de sua vida. O unico... Olhando de uma janella alta, pallida de ciume, quasi a despenhar-se do alto, está uma terceira silhueta. E' a de V. Ex...

Lysol. Acido-phenico. Gotas de iodo. Suicidio. Gritos: — uai! uai! uai! A assistencia que chega e a põe fóra de perigo...

E acabou-se a historia.

Será mesmo assim?

Si não é, deve ser parecida. Todas as historias de mulher são...

O SANGUE PURO É A BASE DA SAUDE!
Defendamo-nos da Syphilis e do seu cortejo macabro:
Do Rheumatismo que inutiliza o homem tornando-o um aleijado;
Do Arthritismo sempre devastador em todas as suas manifestações;
Das Feridas chronicas, das Ulceras e das Chagas sempre nocivas.
Defendamo-nos,
depurando convenientemente o sangue!
TAYUYÁ
DE SÃO JOÃO DA BARRA
depura e tonifica o sangue sem dieta e sem resguardo
MÁO SANGUE · MÁ SAUDE
LABORATORIO OLIVEIRA JUNIOR
RIO DE JANEIRO
R. 2 DE DEZEMBRO 77

semelhantes. Mesmo quando desejam ser originaes.

Em todo caso, espero a sua historia. Que ella venha depressa pela sua bocca...

BAHIANA CIVILISADA (Bahia) — Uma cartinha côr de crême. Deve ser de uma literata.

Será?

Vamos vêr o que V. Ex. escreve:

"Yves. — Hoje após ter lido o numero de 20 de Abril, decedir-me pela primeira vez a servir-me da penna que está tremula, para rabiscar estas linhas para saber o resultado do "pedaço do meu diario." Qual a minha redacção, se devo proseguir ou desistir, emfim caro Yves você já comprehende o desejo do coração feminino.

Eil-o:

PEDAÇO DO MEU DIARIO

Horas tardias da noite, reina silencio profundo, interrompido apenas pelo ramalhar das arvores e pelo sopro frio da brisa.

No céu azul e sempre bello, scintillam milhões de estrellas entre

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

as quaes apparece-nos a lua, dando-nos aos olhos, aspecto jamais egualavel. Sozinhos, ella e eu sentados n'um banco n'um dos recantos d'aquelle jardim de amor, feito pela mão do deus Cupido commentavamos sobre assumptos diversos, mais tarde embora fossemos duas almas estavamos de maneira tal unidas que pareciam um só corpo.

Rogos... Juramentos... Felicidades...

N'um segundo este bello luar tornou-se n'uma noite infernosa e bizarra. Que foi!! Com o ruido da chuva accordava pensando ser realidade porém tudo não passava d'um sonho, d'um sonho... d'um simples sonho...

Bahiana civilisada.

Eu não direi mal da sua intellectualidade. Acho que V. Ex. é mesmo extraordinaria. Conseguir sentar-se com a lua em um banco e palestrar com ella, é realizar o impossivel. Bem razão têm os mysticos e os fatalistas: a Deus nada é impossivel.

Modificando o proloquio: a *Deusa* nada é impossivel.

Até pode conversar com a lua.

Quero crêr que V. Ex. será, futuramente, uma genial escriptora. Mas, por ora, anda no mundo da lua, que é sua amiga, talvez sua dindinha, como diria o poeta Adelmar Tavares.

YVES.

AOS NOSSOS LEITORES. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú', 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4186.

FON-FON — 18-5-1929

Data da consulta ....

Nome do consultante ....

....

— Não, não... Não me farão medo.

Transcorreu assim um mez e meio. Uma noite tempestuosa em que fortes rajadas sacudiam a casa até os alicerces, alternando com violentos aguaceiros, encontravamo-nos, como de costume, na bibliotheca. Deviam ser já dez horas; um pouco febril, eu estava entre a janella e a chaminé, afundado numa poltrona.

De repente ouvi um ruido que parecia vir do lado da janella. Meu avô devia tel-o ouvido tambem, porque levantou a cabeça. Um vidro voou em pedaços e, pela abertura feita, passou uma mão que deu volta á maçaneta. Meu avô, dando um grito de furor, sacou do bolso do "robe de chambre" o revolver...

Mas a lampada, virada — por quem?... por meu avô?... pela mão mysteriosa? — cahiu ao solo com estrepito, apagando-se. Em meu terror, procurei gritar, mais perdi os sentidos...

Quando os criados, attrahidos pelo grito de meu avô, acudiram com luzes, encontraram a janella aberta, acharam-me desmaiado na poltrona e meu avô estendido, ao comprido, ao soalho.

Tinha ainda na mão o revolver que não pudera usar, uma expressão de indizivel horror contrahia-lhe as feições. Estava morto.

Pedro se deteve um momento emquanto sir Daniel perguntava:

— Como era a mão que entrou pela janella?

— Uma mão de homem, não muito grande; de fórma elegante e de pelle escura. No dedo minimo trazia um annel que vi muitas vezes em meus pesadellos.

— E como era esse annel? — perguntou Wilson, que parecia dominado pelo mais ardente interesse.

— Dir-lh'o-ei dentro em pouco. Deixe-me concluir antes em poucas palavras esta historia. A morte de meu avô provocou uma investigação da justiça. Declarei o que havia visto, mas acreditou-se ser uma allucinação de criança. No jardim não se encontraram pegadas e attribuiu-se á violencia do vento o haver-se quebrado o vidro e aberto a janella.

O medico legista, encarregado de examinar o cadaver de meu avô, não se atreveu a opinar sobre a causa da morte.

O assumpto foi archivado.

O Annel de Serpentes

Por Frederico Boutet

(Continuação)

Quando me restabeleci do ataque cerebral, occasionado por aquelles momentos de espanto, meu tutor, um parente afastado, poz-me num collegio de Paris, e nunca contei a meus camaradas a terrivel scena daquella noite, mas em meus pesadellos via sempre a mão que abria a janella; a mão e o annel...

E agora vem o mais estranho, o mais inverosimil; esse annel eu o vi ha uns dias na mão de uma mulher, de minha esposa!

E referiu-lhe a historia que lhe contara a moça relativamente ao annel.

— Minha esposa ignora as horriveis recordações que em mim desperta essa joia; pude dissimular a impressão que me produzia o annel sinistro em sua mão.

Não ponho em duvida um segundo siquer a historia que lhe contou o pae, mas o facto real é o seguinte: meu avô morreu assassinado, estou certo disso, e seu assassino trazia na mão o annel que vejo agora em poder de minha esposa.

Pedro tirou a joia do bolso e entregou-a a sir Daniel Wilson.

— Sim, sim; é este mesmo — articulou o sabio em voz baixa.

— Conhece-a então senhor? — interrogou ansioso o joven. — E' na realidade um annel hindú? Sabe, então, de que implacavel inimigo foi victima meu avô?... Foi isto o que eu lhe vim perguntar, porque o senhor, que conheceu na India meu avô, poderá dar-me algumas indicações, illuminar um pouco a sombra tragica que me rodeia desde que tornei a vêr esta joia.

— E', com effeito, um annel hindú, e a ultima vez que o vi estava na mão de um homem notavel... e temivel.

Muito temivel, ainda que seu avô, que o havia offendido gravemente em diversas occasiões, [illegible] o soubesse assim.

Foi muito longe com aquelle homem... Eu sabia que o tinha ameaçado e avisei-o varias vezes. Quando morreu, encontrava-se em Benarés e via a miudo o hindú possuidor do annel.

— Mas admittindo que o annel seja o mesmo, como accusar a um homem que está na India de ser o assassinio de meu avô que vivia em França?

— Sabe o senhor que os brahmanes de graduação superior [illegible] que de cinco em cinco annos mostram ao publico na festa do Fogo, fazem verdadeiros milagres, e que existem thaumaturgos extraordinarios e mysteriosos que vivem nas solidões do Thibet. Mas não affirmo nada. O homem de que se trata não foi á França [illegible] para matar Armando Vane e vingar-se das crueis offensas de que [illegible] bidas... Mas eu me recordo de que aquelle hindú, durante varios dias trouxe o braço direito amarrado numa tipoia, como se lhe tivessem amputado a mão. E ao perguntar-lhe eu se estava gravemente ferido, repondeu:

— Não; minha mão foi pagar uma divida, mas voltará.

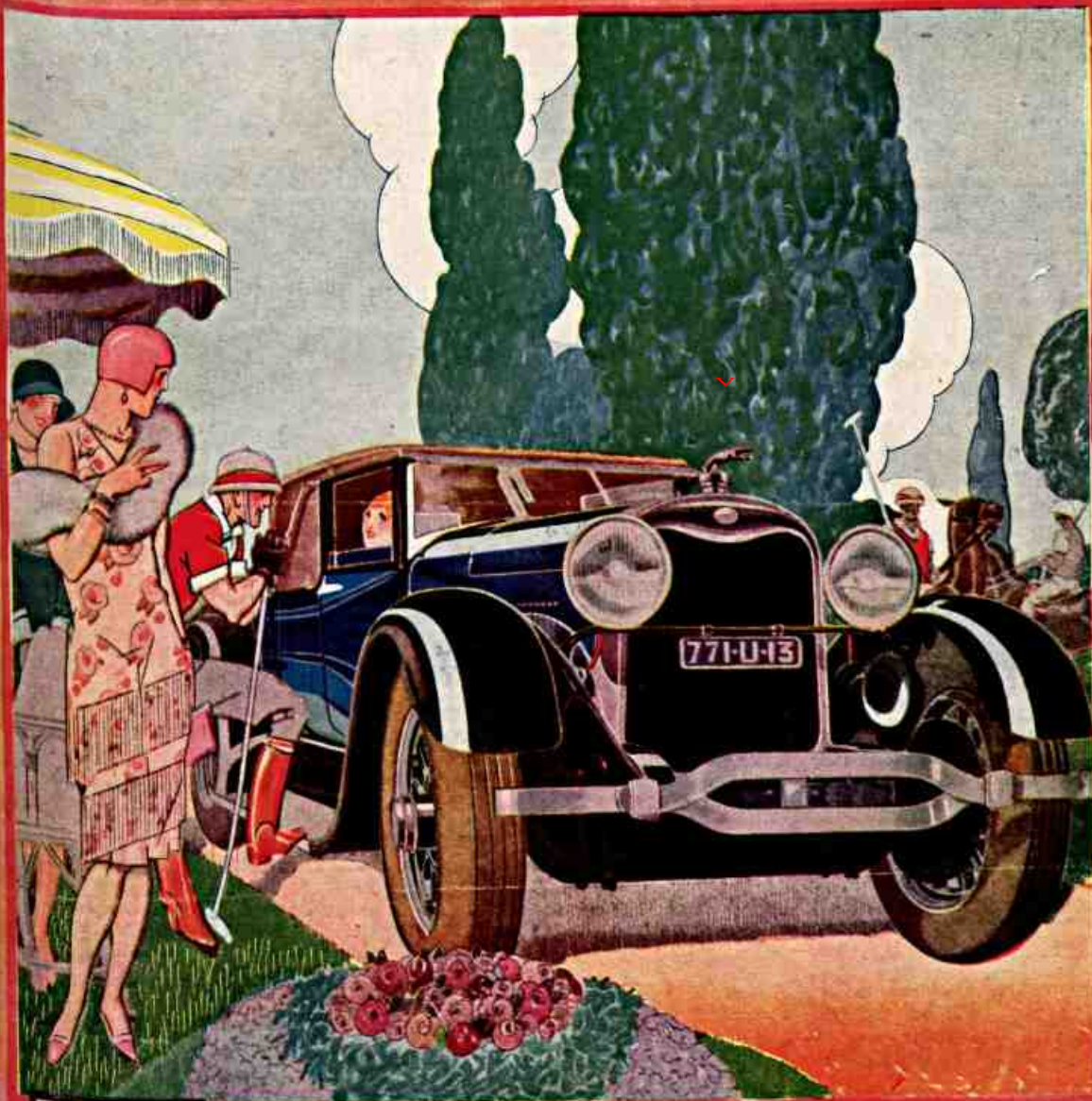
Pedro Villeyeuse estremeceu.

— Então este annel que cahiu casualmente nas mãos de minha esposa...

— Casualmente? — falou o sabio. — Eu, por mim, jogaria [illegible] este annel.

O visitante, agradecendo a acolhida cordial, despediu-se.

Ao sahir, olhou o annel que puzera no dedo e sorriu com um pouco de ironia... Bruxarias! Ora!... Absurdos...

Mas uma vez no vapor que o conduzia a Calais, sentiu de repente uma impressão de horror, e num impulso irresistivel, tirou o annel e lançou-o ao mar.

CONDUZIR um cavallo de puro sangue, agil e vigoroso, sentil-o obedecer, docil, ás mais subtis exigencias, sem hesitações, comprehendendo instinctivamente a vontade do cavalleiro, ou ainda lançal-o a galope para contel-o, repentinamente, com uma simples pressão da mão ou ou do pé — é prazer identico ao que experimenta quem dirige um carro Lincoln.

LINCOLN MOTOR COMPANY

Divisão da Ford Motor Company

RIO DE JANEIRO — PORTO ALEGRE — RECIFE — SÃO PAULO

Balcão de Miudezas

DOENÇAS DO LEITE

O leite é uma substancia muito sujeita a molestias. Quando talha, é porque enfermou. Conhecem-se mais de vinte enfermidades do leite, produzidas todas por germens completamente diversos. Quasi todos são summamente infecciosos.

Uma dessas doenças talha o leite sem tornal-o acido. Outra fal-o amargo. Ainda outra lhe dá o gosto de sabão. O germen que produz uma das molestias faz com que o leite se torne tão espesso como o mel, de modo que poderá formar filamentos. Outro germen dá-lhe a côr azul celeste.

A NEURASTHENIA

Na época actual, é impossivel não reconhecer que augmenta dia a dia o numero de individuos que, devido ás condições especiaes da civilização moderna, se acham no estado morbido typico que se convencionou denominar neurasthenia.

O rapido gasto das energias organicas por motivo do uso mais activo e mesmo desordenado de nossas forças e actividades faz com que a *surmenage* ou esgotamento, a fadiga corporea e psychica appareçam prematuramente numa época em que se devia conservar ainda todo o vigor dado ao homem pela sábia e previdente natureza.

Morim affirma que a neurasthenia é perfeitamente curavel, intervindo para o feliz resultado, talvez mais do que o medico, o proprio enfermo, a quem se deve inculcar a crença firme na sua cura radical. Isso é o passo decisivo para o exito.

Considerando o paciente como um intoxicado, é necessario, afim de realizar um tratamento logico e efficaz, cuidar da suppressão dos venenos gastro-intestinaes por meio de uma alimentação conveniente e de um regimen apropriado, conforme se tratar dum arthritico, dum urikemico ou dum arterio-sclerotico.

LARANJEIRA ORIGINAL

Toma-se uma laranja de regular tamanho e de casca grossa. Corta-se pelo meio, fazendo uma incisão circular com toda a perfeição. Uma das metades deve ser esvasiada completamente e enchida, depois, de terra.

Quando as sementes da laranja estiverem bem sêcas, plantar-se-á uma dellas, enterrando-a uns dois centimetros, profundidade sufficiente para a germinação e desenvolvimento da planta.

Feita essa operação, basta regar levemente o chão todas as manhãs. Em poucos dias nascerá a laranjeira, que será magnifica.

OPINIÃO SOBRE O CAFE'

Um medico norte-americano escreveu um artigo sobre o café, dizendo que o experimentára durante seis annos e era de opinião que uma chicara de café forte, sem leite nem assucar, entre duas chavenas de agua morna, todas as manhãs antes do levantar, estimula todas as secreções e desperta o vigor nervoso. Tomando-se o almoço uma hora depois, começa-se o trabalho diario favoravelmente, embora tenham sido demasiadas as fadigas do dia ou da noite anterior.

E' questão de experimentar, para ver os resultados...

Seja moderno — ande com conforto.

Abandone os choques, as pancadas e os solavancos desagradaveis que causam os saltos de couro, pouco resistentes e duros.

Mande collocar saltos Goodyear no seu calçado. Elles têm estylo — são a ultima palavra da moda. São verdadeiras almofadas de borracha fresca, macia, cheia de vida!

E além d'isso são economicos — por terem uma duração muito maior que quaesquer outros.

Dê um pouco de folga aos seus nervos — abandone o barulho de saltos duros.

Mande collocar um par de saltos de borracha Goodyear hoje mesmo — ande confortavelmente.

SALTOS DE BORRACHA

A' venda nas seguintes casas: Augusto Seramota Rua do Senado 27; Azamor Guimarães & Cia., rua do Ouvidor 55; Carlino & Lima, rua Sete de Setembro 45; Casa Amaral, rua dos Andradas 12; Casa Assembléa, rua da Assembléa 67; Casa Cadete, rua Gonçalves Dias 48; Casa Carneiro, rua 7 de Setembro 73; Francisco F. Ferreira, Carolina Meyer, 9; Casa Ouvidor, r. do Ouvidor, 171; Casa Ramos, Av. Passos 26; F. J. de Oliveira & C., rua dos Andradas 95; Francisco Tambasco, rua do Carmo 4; Guimarães Pinto & C., rua da Quitanda 34-36; J. F. Pereira, rua Senador Euzebio 107; Madeira Araujo & C., rua da Alfandega 202; Orlando Ribeiro & C., rua da Alfandega 190; Roberto Gonçalves & C., rua dos Andradas 25; Sapataria Bristol, rua São José 108-110, e Silva Braga, rua Senhor dos Passos 116.

Miguel Angelo

. . .

Por Balsa de la Vega

TRINTA annos contava Miguel Angelo quando Julio II chamou-o a Roma para que lhe traçasse o projecto de seu sepulcro, "tal — disse Vasari — como nun se erigira nem siquer projectára até então." Feito o projecto, em que figuravam quarenta e cinco estatuas, entre ellas a famosissima de *Moysés*, o grande esculptor começou seu trabalho directamente no marmore.

O *atelier* (relata um dos biographos de Miguel Angelo) que ficava proximo á residencia papal, encheu-se logo de estatuas, muitas por concluirem ainda, delineadas apenas, outras terminadas já, como *Os escravos*. Começou, pelo meiado de fevereiro, a de *Moysés*, que devia ser collocada entre as outras e a sete metros de altura; contra a sua vontade, pois desejava ir terminando as que tinha em obra, mas para obedecer ás impaciencias do papa, cujo caracter vehemente e voluntarioso tantos desgostos devia proporcionar-lhe. Julio II, a quem já os annos começavam a pesar, mandou construir um caminho coberto para ter mas facil accesso ao *atelier* do esculptor e para fugir aos rigores da estação; "deste modo podia vêr, por instantes, dizia elle, como surgia do blóco de Carrara a figura do grande legislador do povo judeu".

Suspendeu Miguel Angelo seu trabalho durante o verão de 1506, para trasladar-se a Florença. Ao voltar encontrou o papa arrependido de ter começado a lavrar se" tumulo, pois segundo dizem Condivi e Vasari, o celebre architecto B. amante, zeloso da fortuna do escu.ptor, fez crêr ao pontifice que era de máo augurio a obra. Alguma cousa mais deveria ter accrescentado Bramante, porque Julio II se negou a receber Miguel Angelo e a pagar-lhe as despesas que fizera com o transporte de marmore trazido para o mausoléo.

O grande artista, despedido violentamente pelos serviçaes do papa, acreditou-se victima das iras deste, e sahindo furtivamente de Roma, durante a noite, não parou senão ao chegar em Florença.

Sabida é a série de meios que Julio II poz em jogo para que Florença lhe entregasse o fugitivo, e do que se valeu o porta-bandeira Pedro Soderini para que Miguel Angelo fôsse vêr o papa em Bolonia, onde se encontrava pela colheita. Effectivamente, Julio concedeu sua bençam ao insigne esculptor e encarregou-o de fazer uma estatua sua em bronze para erigil-a na cidade.

Dezeseis mezes empregou o insigne artista na obra, e no dia 20 (?) de fevereiro de 1508 foi ella inaugurada. De semelhante estatua nada mais se conserva do que a descripção que della fez Condivi, e a julgar pela dita descripção, devêra ser uma obra em que se admiravam todas as grandes qualidades que Miguel possuia.

Conta Vasari que o papa, vendo que Miguel Angelo hesitava em pôr ou não um livro na mão esquerda da citada estatua, increpou-lhe dizendo:

— Que é isto? Um livro! Mas eu não sou um homem de letras!

E olhando a arrogancia do movimento do braço direito, cuja mão se via em attitude de abençoar, exclamou sorrindo:

— Mas tua estatua abençôa ou amaldiçôa?

— Ameaça a população no caso de não proceder bem — respondeu Miguel Angelo.

. . . .

A effigie de Julio II foi feita em pedaços tres annos mais tarde (1511), numa das frequentes revoltas por que atravessou a Italia naquella epoca dos Medicis, dos Savanarola, das republicas. O duque Affonso de Ferrara mandou fundir com os pedaços de canhão, conservou unicamente a cabeça, que pesava mais de 600 libras e que estimava como obra extraordinaria.

De volta a Roma, Miguel Angelo não póde continuar o mausoléo. O papa empenhou-se em que a capella Sixtina. Ficou, pois, adiada a continuação das obras do sepulcro.

Julio II deixou de existir um anno antes de terminada a decoração da capella. Esculpiu Miguel Angelo, todavia, em 1546, algumas das estatuas que começára para o tumulo do papa e deu por terminada a de *Moysés*. Mas o plano do mausoléo fôra mudado por completo, e as estatuas remettidas para pontos differentes e adquiridas umas e presenteadas outras a principes e reis. Sómente a estatua de *Moysés* foi decorar o tumulo de Julio II.

E sobre a tumba do famoso papa admira-se hoje a gigantesca estatua, collocada a pequena altura, razão pela qual não é apreciada como devêra ser, pois o artista a esculpiu para que fôsse vista de uma altura consideravel e entre outras muitas, em muito maior numero do que as que actualmente a rodeiam. Assim, por exemplo, a parte inferior da figura e muitos dos accessorios das vestes, já está gastos. Mas nem por isso deixar de produzir admiração aquella obra soberba do genio: tal a arrogancia da attitude, a dureza de expressão, a energia das linhas, a vida, a vida impetuosa que observa nella desde o primeiro momento em que é contemplada.

* * *

CONTA-SE que Julio II, uma manhã, ao entrar no "studio" de seu esculptor favorito e ao vêl-o de cinzel á mão, fazendo saltar com o impulso da vehemente firmeza com que o manejava, grandes pedaços de marmore do enorme blóco de onde devia surgir a figura de *Moysés*, disse-lhe:

— Creio que amanhã verei o rosto dessa estatua.

— Vêl-o-á esta tarde mesmo, — respondeu o artista.

Asseguram tambem alguns eruditos que a posição da mão direita acariciando as longas guedelhas da barba, obedece a uma idéa de momento de Miguel Angelo, porque tendo encontrado uma mancha no marmore, o contratempo o impediu de collocar o braço na posição desejada.

Sejam ou não exactas estas affirmações aqui recolhidas, á guisa de curiosidade, recordam-me ellas outro caso analogo que aconteceu, dizem, com Berruguete, discipulo do immortal florentino, como é sabido. Esculpia Berruguete o sepulcro do cardeal Tavera, e nos angulos do citado sepulcro collocou as quatro virtudes theologaes; mas ao polir uma

das cabeças, partiu-se o pedaço de marmore. O contratempo era grande e resolveu o esculptor talhar as quatro cabeças em alto relevo, como são vistas hoje.

Vasari diz, falando do *Moysés*: "Somente representado assim devia ser o amigo do Deus de Sinai, que parece ter querido conceder a Miguel Angelo a gloria de resuscitar ou de preparar a resurreição do legislador do povo hebreu."

O grande artista poz especial empenho em exhibir nesta estatua colossal toda a maravilha de sua technica. Se uma parte da figura apparece apenas esboçada, em comparação, a cabeça, e sobretudo as mãos, são de uma delicadeza de estructura pouco commum em Miguel Angelo. Mas apezar disto, ou talvez por isto mesmo, como observa M. Clement, a estatua de *Moysés* representa a mais alta manifestação da esculptura moderna. E a impressão profunda que ella causa é cousa tão obscura de definir como definir em que consiste a propria inspiração. Menos divina que humana, parece querer mostrar que, por baixo daquelle era neo vigorosamente modelado e através daquellas feições energicas, de um desenho irreprehensivel, agita-se um mundo de idéas e de sentimentos, determinando claramente a dupla personalidade

MIGUEL ANGELO

(Conclusão)

—o—

do homem, cousa que não conseguiram interpretar, senão de um modo vago, os grandes esculptores gregos.

Está aqui o grande segredo de Miguel Angelo, o sello distinctivo de seu genio, notado em quantas producções suas têm chegado até nós. Recordemos a figura da *Noite*, uma das que exornam o sepulcro de Lorenzo de Medicis. E' tanta a vida moral da citada *Noite*, que grande numero de poetas lhe dedicaram composições suas; uma dellas, attribuida a Strozzi, contemporaneo de Miguel Angelo, dizia assim: "Esta *Noite* que vês adormecida em tão grande abandono, foi esculpida por um anjo. Está viva, pois dorme; e se duvidas, desperta-a, que te falará." Conhecido é o celebre quartteto com que o grande artista, esculptor, architecto, engenheiro, pintor e poeta respondeu a Strozzi:

"Grato mi e il sonno, é più d'esser
[di sasso;
Mentre che il danno é la vergogna
[dura,
Non veder, non sentir, m'é gran
[ventura;
Pero non mi destar; deh, parla
[basso!"

Está aqui synthetizada nestes versos o sentir de Miguel Angelo. Vivendo em epoca deploravel, agitada pelas mais desencontradas idéas, minada pelo racionalismo, pelas doutrinas mais heterogeneas, philosophicas, religiosas e politicas, o genio poderoso do grande florentino esculpiu seus proprios sentimentos, deu fórma com o cinzel, o pincel e a penna a todas as suas dôres e tristezas, ás suas ansias de regeneração social, não pondo nunca o pensamento sobre cousas que não correspondessem á realidade. Na estatua de Moysés não se vê o homem illuminado; vê-se o pensador profundo, o dictador de um codigo puramente moral, mas profundamente positivo. Por isso, ao terminar a estatua, escreveu Miguel Angelo aquella celebre phrase que diz:

"Entre mim e Deus estende-se uma cortina de gelo."

**

O que nem todos sabem

Algumas das mais conhecidas figuras da literatura e das artes foram notabilidades desde a mais tenra idade. Dante compoz seu primeiro soneto aos nove annos. Tasso escreveu seu primeiro verso aos dez. Calderón começou a escrever aos treze. Victor Hugo foi laureado nos jogos floraes de Touiose aos quatorze annos. Byron, o immortal poeta inglez, já versificava aos doze. Meyerbeer deu audições publicas de piano aos seis annos. Claude Vernet desenhava já aos sete annos. Mirabeau escreveu um volume aos onze annos. Rafael começou a pintar aos sete. Weber fez representar sua primeira opera quando tinha ainda quatorze annos. Finalmente, aos doze, Pascal havia resolvido as trinta e duas proposições de Euclydes.

*

Segundo o calculo realizado pelo proprio Edison, si todas as anecdotas que delle se contam fossem verdadeiras, o notavel inventor precisaria ter vivido pelo menos 998 annos.

*

O celebre processo dos bandidos polacos, recentemente julgados, custou á justiça franceza a bagatella de 57 mil francos.

Nesta quantia estão comprehendidas as despesas com deprecadas, transporte de agentes judiciarios, indemnizações ás testemunhas, aos jurados, etc. Se bem que os audaciosos bandidos tenham sido condemnados ao pagamento das custas do processo, o Estado francez não será, porém, reembolsado de um centimo sequer por tão miseraveis e insolentes devedores.

O processo, igualmente celebre, dos malfeitores Bonnot e Carnier, custou cerca de 60 mil francos, que o Estado nunca recuperou.

*

O rio mais alto do mundo é o *Desaguadero*, que pertence á Bolivia e corre a quatro mil metros acima do nivel do mar.

*

O Galkuroo de Baroda é considerado o mais opulento principe hindú. Sua collecção de joias, a mais rica do mundo, celebre pela quantidade e rara belleza de suas peças, está guardada em um edificio especial, de grande luxo, que é ao mesmo tempo um palacio e uma casa forte. Entre os objectos preciosissimos que alli se encontram figura um collar de perolas avaliado em 10 mil contos de réis da nossa moeda.

Outro nobre millionario da India é o Maharajah de Gwalior, que foi, recentemente, condemnado pelos Tribunaes a pagar a um proprietario de cavallos de corrida, em Calcuttá, como indemnização, cerca de 10 mil contos de réis. Informam os jornaes inglezes que esse Maharajah pagou, sorrindo, a colossal indemnização, que não corresponde á centesima parte de sua prodigiosa fortuna...

Energia!

VIGOR! CLAREZA! VOLUME!

Quando V. S. toca um disco Columbia, fabricado pelo novo processo, todos os differentes tons da voz e dos instrumentos, desde os mais fracos até os mais fortes, desde as notas de um violino até as de um orgão, são reproduzidos com a maxima fidelidade — «COMO A PROPRIA VIDA». —

Toda e qualquer musica que mereça o nome acha-se gravada e consta do repertorio COLUMBIA. São os unicos discos que não produzem chiado.

Discos Columbia

VIVA-TONAL

Á VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO RAMO

Columbia Phonograph Company Inc. New York

Distribuidores Geraes
BYINGTON & Co.

R. General Camara, 65
RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO, SANTOS, CURITYBA, PORTO ALEGRE, RIO GRANDE, RECIFE.

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 20

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 18 de Maio de 1929.

MOINHOS DE VENTO

A poesia e o encanto dos moinhos de vento, dos velhos moinhos de azas sempre abertas ao sol, á vida, aos céos azues e serenos, ou escuros e tempestuosos, têm os seus dias contados — os seus dias de gloria e de esplendor.

E' o que nos annuncia uma publicação parisiense, referindo-se aos moinhos de vento da velha Flandres franceza, que inspiraram a Affonso Daudet a obra magnifica em que excelliu o seu primoroso estylo de escriptor de raça: — *Lettres de Mon Moulin*.

Não sei por que, ao ler essa noticia, uma angustia, uma indefinivel afflicção, uma dessas tristezas, vagas e imprecisas, que assaltam, de vez em vez, a alma e o coração da gente, desceu sobre mim a sombra crepuscular da sua inquietação...

Que tenho eu a ver, emfim, com essa ameaça de desapparecimento dos ultimos moinhos de vento da França ou da Belgica, da Hollanda ou de qualquer outra parte da terra?

Moinhos de vento... D. Quichote... homem, sempre a fazer gyrar dentro de ti, na cadencia tão desencontrada e descontinua de teu rythmo interior, o moinho de vento do coração!...

Foi essa, sim, a estranha e fascinadora associação de idéas que me vieram á mente, numa inquietação de azas partidas, lá, bem alto, no céo ensombrado da minha fantasia e do meu sentimento, e que me dominaram o espirito, por um instante, ao lembrar-me de que mais um elemento de poesia e de encanto na vida estava prestes a desapparecer.

Deante dos meus olhos, volvidos para a poesia do passado, para a exaltação das tradições que ella acorda e desperta e vivifica, a figura esguia, alta, cavalheiresca e romantica do heroe de Cervantes, surge, nimbada de luz e de gloria.

De lança em riste, elmo faiscando á luz tremula do sol das Hespanhas, garbosamente perfilado sobre o dorso do esqualido *Rossinante* — o seu cavallo de guerra — D. Quichote, dando largas á sua revolta e ao seu desespero, assim me falou:

"— Homem moderno, tu, que és tambem meu irmão em Ideal e em Illusão, ergue a tua voz, levanta o teu protesto contra todo gesto barbaro e iconoclasta que ameace o patrimonio de sentimento e de sonho que faz a alegria e o encanto da vida! Nem sempre os posteros me souberam julgar e comprehender. Passei pela terra a semear, a mancheias, os campos sagrados e ferazes da fecunda Fantasia para que, oh homens, um dia vós todos, que me ridicularizastes e apedrejastes, comprehendesseis que toda a vida, para ser amada e bem vivida, precisa rebentar no coração da gente numa continua e eterna floração de sonho e de illusão. Assim, porém, não quizestes comprehender, e a esse sonho floreal do sentimento preferiste a philosophia materialista, burgueza e gananciosa dos Sanchos Pansas de todos os tempos.

No emtanto, eu sou a Verdade, o éco sagrado de todo o mysterio e de toda a revelação da Vida. Porque eu era feito dos sonhos que sonhei, da divina illusão em torno de que — cavalleiro andante da idealidade e do sentimento — fiz gyrar o moinho de vento de meu coração magnanimo e feliz. Feliz por se dar ao proximo, feliz por se sentir escravo da sua Dulcinéa, da sua fé, da sua magnifica e sublime exaltação.

Escuta, homem moderno, que me comprehendeste, porque tens alma capaz de sentir e comprehender a alma infinita e mysteriosa dos moinhos de vento que, rodopiantes, cantam, fóra e dentro da gente, a poesia da vida — o rythmo largo e profundo do coração: a vida, em si, na sua essencia, é conduzida, condicionada por um systema de illusões. Busca no senso e na fé da Illusão a expressão, o sentido mesmo de tua vida, porque só a Illusão, no mundo, é real e é bemfazeja. Combate no bom combate, batalha e sonha emquanto as azas do moinho de vento de teu coração palpitarem, ansiosas, impulsionadas pelo sôpro quente e generoso da tua Fantasia."

Moinhos de vento... D. Quixote... Homem... Coração — moinho de vento a gyrar dentro da gente!...

ELCIAS LOPES

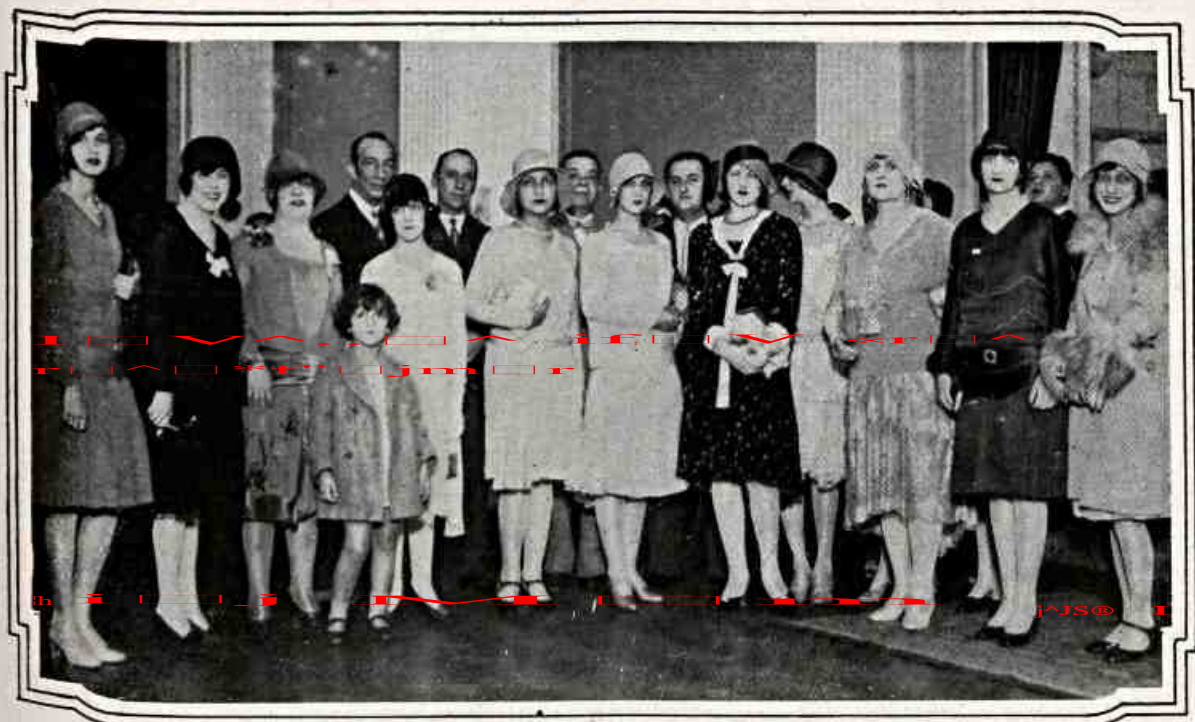
Foi uma linda reunião, que teve um excepcional brilho de mundanismo, o chá-dançante que se realizou domingo, no Hotel Gloria, em beneficio do Hospital de Jesus, sob o patrocinio da «Miss Rio Grande do Sul» (Bila Ortiz), que se vê neste integrante photographico, ao lado de «misses» «Paraná» e «Bahia».

◆◆◆

◆◆◆

FILIGRANAS

Descrevendo a famosa virago Dona Catalina de Erauco, alferes das tropas coloniaes, espanholas, José Maria de Heredia aproveita, no prefacio do seu interessante livro de prosa *La nonne-alferez*, as palavras do viajante Pietro della Valle, o Peregrino, que a conhecêra na Italia. Retratando-a, diz este, entre outras coisas espantosas para a epoca — pleno seculo XVI: "seus cabellos pretos são curtos como os dum homem."

Os tempos mudaram de accordo com o velho e batido aphorismo. Hoje os que escrevem poderão, pelo contrario, dizer tranquillamente: "O qualquer homem conhecido: o senhor Fulano usa os cabellos tão curtos como os de qualquer mulher..."

AS figuras mundanas que tomaram parte no chá de caridade, em beneficio do Hospital de Jesus, offerecido á colonia sul-riograndense e realizado no Hotel Gloria, sob o patrocinio de mlle. Bila Ortiz.

ROSAS DE SAADI...

Neste sereno crepusculo de maio, eu sinto mais feliz do que nunca. Porque tu me trouxeste, com a tua visita inesperada, essa alegria estonteante que eu só vislumbro nos teus olhos e essa suave ternura que é privilegio de tua voz. Teus olhos illuminaram um instante a melancolia das minhas tardes de evocação e de saudade. Tua voz encheu de sonoridades matinaes os meus crepusculos de silencio e de cinza.

E tu deixaste aqui, pairando sobre mim e em torno de mim, o perfume envolvente da tua mocidade e todo o esplendor fulgurante de tua belleza joven.

E tu deixaste aqui, perto do meu pobre coração desolado, neste sereno crepusculo de maio, as rosas de Saadi do teu amor, que têm a côr violenta da volupia e ha tanto tempo vêm perfumando a minha vida...

FILIGRANAS

Comptes d'um budget parisien, é um livrinho minusculo editado por Frederico Henry em 1870 e serve para mostrar quanto se gastava num lar parisiense, em 1869, um anno antes da guerra franco-prussiana. Curioso. Um manto de pelles custava 525 francos. Um de crépe da China, 375. Um vestido de seda, 700. Um de taffetá, 600. Um costume de verão, 150. Um vestido, só o feitio, 170. Um chapéo de palha cinzenta, 80. Um de seda geranio, 110. Um de palha com flores, 125. Um de palha ingleza, 95. Havia pares de meias de seda de 28 e 30 francos. Os sapatos variavam de 22 a 50.

Passados são desse bello tempo quasi sessenta annos, mais de meio seculo. Por esses preços ainda se compram vestidos, mantos, meias e sapatos em França. Parece que a vida não encareceu muito em tão longo espaço de tempo. Não é verdade, minhas senhoras? Ou antes meus senhores: porque são estes quem paga...

A mesa destinada a «Miss Rio Grande do Sul», a «patronesse» do chá de caridade, realizado nos salões do Hotel Gloria.

FILIGRANAS

Ha escriptores que, apesar das bellezas de seu estylo, da perfeição de sua linguagem, das excellencias de sua logica e do poder de sua sabedoria, não conseguem arrancar daquelles que os lêem **outra** emoção alem da natural admiração daquellas altas qualidades. Regada pelas suas palavras e pelos seus conceitos, adubada pelos seus periodos e pelas suas idéas, não viceja e esplende no coração de seus leitores a flôr de sentimento algum.

Em outros, não importam os defeitos de **lingua** e forma, o minguado saber, a logica **apoucada**, a emoção mareja os olhos de lagrimas e o sentimento dilata o coração. E' que, nem em todos os escriptores, as idéas sobem do proprio coração, ardentes e audazes, como subiam as de Flaubert, segundo nos diz o seu admiravel critico Louis Bertrand.

D. Aquino Corrêa, o illustre arcebispo de Cuyabá e figura eminente do nosso clero, embarcou para a Europa, sabbado pela manhã, a bordo do «Conte Rosso». S. ex. revma., que viaja acompanhado de seu secretario particular, destina-se á Italia, onde vae assistir ás festas da beatificação de Dom Bosco, o fundador da ordem dos Salesianos, a que pertence aquelle estimado principe da Egreja. O embarque de D. Aquino teve grande concorrencia de representantes de todas as classes sociaes.

CIZALHAS

Quando dois corações se comprehendem de um modo profundo e perfeito, estabelece-se entre os seres assim unidos um habito perigoso.... A separação age sobre elles como um suffocamento espiritual.... E' a sensação moral correspondente physica do aprisionamento em estreito cubiculo, sem ar e sem luz....

DIDI Caillet, ou «Miss Paraná», a linda e festejada declamadora que tantas sympathias tem grangeado entre nós, teve a gentileza de offerecer aos jornalistas um «cock-tail», nos salões do Palace Hotel. A essa festa, que teve um alto cunho intellectual, compareceram representantes de todos os jornaes e revistas do Rio.

E VANIDADE...

ALMAS SCEPTICAS

O meu amigo X... sorriu, quando a garôta passou, e lhe deitou um lindo olhar cheio do azul claro e puro do céo. Sorriu e disse:

— E' assim que ellas nos tentam. Mas já não sou dos que correm atraz de uma saia que passa...

Aproveitei o ensejo para commentar:

— La Rochefoucauld disse: "O amor é vil, porque se mantem da carne; só a amizade é forte, porque é pura: vive na alma."

O meu amigo X... discordou:

— Não. O amor tambem pode ser subjectivo. Puramente intellectual.

— Uma fantasia.

— Uma necessidade do espirito. E' o amor dos esthetas.

— Quando envelhecem?

— Quando se desilludem...

Ia fazer uma phrase, olhando o liquido do cocktail, que se perfilava deante do meu [illegible]; mas o meu amigo X... não me deu tempo para falar.

— Nós, intellectuaes, amamos a mulher real através da mulher imaginaria, daquella que idealizamos, á imagem de um typo de perfeição...

— Que não existe — atalhei.

— Que não existe, está claro. Todo o nosso amor material é alimentado á evocação daquelle amor imaginario. Em outros termos: como não encontramos a personificação da mulher que vive em nosso subjectivismo, acceitamos a que mais se assemelha a esse typo de idealidade. Acceitamos a mulher real que mais se parece com a mulher imaginaria do nosso culto espiritual.

— E depois?

— Depois, é bem de ver que nos fatigamos. Cansamos de nos illudir a nós mesmos. Convencemo-nos de que nenhuma dellas — nenhuma das mulheres materiaes, que amamos — corresponde ás exigencias da nossa fantasia, da nossa imaginação. Falham sempre.

— E' natural! — ponderei eu, á falta de outra cousa.

— E' natural, sim, porque a perfeição no amor só existe em nosso cerebro.

— E dahi...

— E dahi a nossa desillusão.

Uma pausa. Ambos bebemos. O meu amigo falou:

— Segue-se dahi que, nós outros, por nossa vez, nos tornamos indesejaveis, aos olhos das mulheres. Não lhes agradamos. Ellas começam a ver em nós um desses valores negativos, em relação ao que pretendem sejam o amor. Si vêm com a alma plena de illusões, de sonhos, que a vida lhes promette, encontram em nós uma alma fatigada, vencida, *blasée*, despida de todas aquellas fantasias, que constituem o encanto supremo das suas aspirações, mas que não são as nossas, nem correspondem mais ás nossas predilecções estheticas e affectivas. Não é verdade?

— Sim, estou de accordo. E é por isso — ajuntei — que damos, ás vezes, a impressão de uma velhice precoce, de uma velhice que é mais do coração do que mesmo do corpo.

— Exactamente. Si uma mulher nos olha, sente que não correspondemos ás suas exigencias. Por que? Porque já não nos inflamma aquelle enthusiasmo que as illusões dão ás almas jovens e inexperientes. Começamos a descrer de tudo que não seja puro e imaginario. Tornamo-nos mais scepticos, mais acidos e, paradoxalmente, mais realistas.

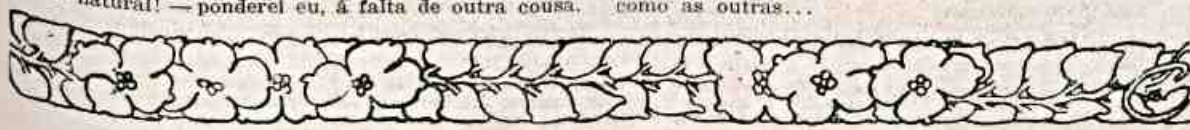
— E' a "revanche", a ironia do espirito — notei eu.

— Sim. Olhamos tudo com indifferença, com desinteresse, dando ás coisas o seu verdadeiro valor.

E arrematou:

— E é esse scepticismo que nos conduz á renuncia ao amor de uma garota que passa, como essa de olhos divinamente azues, mas que deve ser vulgar, material como as outras...

MLLE. Margarida de Sousa Carvalho, uma figurinha galante da sociedade carioca.

(Annunciato Photo).

FARPAS — De Yves — Os senhores já se déram ao trabalho de observar um desses almofadas quando está deante de uma melindrosa, a quem acabara de ser apresentado? Reparem só, meus senhores...

Elle fica todo cheio de dedos. Rodando o chapéo nas mãos, ora erguendo um pé, ora outro, como alimária picada dos mosquitos, gagueja as tolices que vae proferir, á guisa de galanteios.

Geralmente fala sobre football, danças modernas ou cinema. E' a trilogia da mediocridade dourada.

— Mlle. já assistiu aos trabalhos de Clara Bow?

Ella rebola-se toda, como si estivesse com frio. Imita as attitudes de Pola Negri. Ergue um hombro, desce o outro, como si estivesse sendo picada por uma pulga, a pulga de Lope da Vega. Faz um bico de cambaxira, e declara:

— Oh, é uma gracinha. Um amor, pois não é?

Elle rebola-se todo, guincha como um camondongo e accende as pupillas como um veado:

— E que diz de Menjou? Não acha que é do outro mundo?

— E', sim. E' do outro mundo. E um outro amorzinho. Vou mandar pedir-lhe um autographo, mas não lhe darei o meu nome. Pois não vê logo?... Que esperança! Para elle serei a "dama mysteriosa". Está bem?

— Um encanto de pseudonymo.

Ahi está, meus senhores, como elles são. Elles e ellas. Quando dão para fazer galanteios, é um desastre.

— Mlle. é uma belezinha.

Ella baixa os olhos:

— Obrigada.

O almofada prosegue:

— E' o typo da "bôa"...

Ella, fingindo innocencia:

— Eu, bôa? Dizem até que sou má...

— Não é nesse sentido que falo... — insinúa malicioso.

— Em que sentido é?

— Mlle. bem sabe.

— Juro que não sei.

— Sabe, sim.

E neste "sabe não sabe", a coisa se prolonga — até que elle diz claramente:

— E' o typo da "bôa", porque é camarada.

— Camarada, como?

— Quando dança.

— "Seu" confiado!

— Perdôe! Ficou zangada?

— Fiquei. Isso não são elogios.

O cavalheiro não soube fazer a psychologia da melindrosa. Ella sabe que é muito camarada — mas não quer que se lh'o diga, á queima-roupa. Percebem? Com as mulheres toda habilidade é pouca. E é por isso que digo que "elles", os almofadas, quando galanteiam, são desastrados...

Vão tomando nota.

Ha outra classe de almofadas: os que fazem espirito... sem graça.

Oh, meus senhores! Por que é que os não fuzilam?

Elles gostam de exhibir-se nos bancos dos jardins publicos, na Avenida, nos pontos de bonds, nas praias ou nas festas populares.

Se vêem um grupo de melindrosas, entram a fazer toda a sorte de macaquices, com o intuito de lhes chamar a attenção.

São deploraveis.

Emfim, elles são uteis. Si não fosse essa casta de "irracionaes", como se poderiam distinguir os homens de mentalidade superior dos almofadinhas?

DOIS lindos sorrisos: um, que desabrocha e outro que já desabrochou...

GRAND-GUIGNOL — O commendador Pantaleão Ximeno é um desses maridos ferozes, que trazem a pobre mulher n'um cortado. Ella, — coitadinha! — tem um medo delle que se pélla.

Quando elle chega á casa, á tardinha, de volta do trabalho, é inspeccionando tudo, para ver si a mulher sahiu na sua ausencia. Anda a farejar os moveis, as roupas, os cantos dos aposentos, como gato Angorá, ou rato esfomeado.

E ameaça:

— Ah, mulher! si eu te apanho um dia, na menor falta, arranco-te o coração pelas costas.

Mme Ximeno tem um sobresalto. E encolhe-se toda como si já sentisse o aço fino do punhal na carne branca e aveludada.

— Marido! — geme ella.

— Não ha que ver: rasgo-te de cima abaixo!

— Ui! Que horror!

E assim, como os criados, ella está de ha muito avisada da triste sorte que a espera, caso venha a faltar á "fé jurada".

No emtanto, — ahi é que está a pilheria do caso — ella, madame Ximeno, a esposa do commendador furecido, passa o santo dia na farra.

Mal o homem sáe para o escriptorio — elle é capitalista — a senhora cae na "fuzarca", esquecida da "fé jurada", e da ferocidade do esposo.

Em casa, as gorgetas andam a rodo. Até o gato — dizem por pilheria, — ganha vastas gorgetas, para não miar inconveniencias...

Nestes ultimos tempos, o commendador tem andado mais desconfiado do que sempre. O nosso heroe quasi não fala com ninguem. Vive apprehensivo. Quando sae, parece uma praça de guerra: leva uma pistola, uma navalha, um punhal, uma manopla e uma faca. E' tragico e apavorante, o tal homemzinho.

Pois, mesmo assim, a esposa, a casta senhora Ximeno, vive diariamente na rua.

Ha dias, houve uma quasi tragedia na chacara do commendador.

Como foi isso?

O episodio foi "guignolesco".

Mme. havia sahido e, em certo local discreto, encontrou com o seu "caso serio": um cavalheiro rico, e bastante relacionado em nossa alta sociedade.

Tomou o automovel do tal cavalheiro. E declarou:

— Olha o Pantaleão! Cuidado! Elle é uma fera.

Quem guiava o carro era o tal cavalheiro rico, o "caso serio" de madame.

Andaram, viraram, mexeram, etc. e tal. E madame já havia pedido ao chauffeur-amador que a conduzisse á casa, quando se vê perseguida pelo esposo.

— E agora? — pergunta o cavalheiro.

— Agora? Toca para casa. Põe o bonnet de chauffeur.

Elle trazia, sempre, por prevenção, esse distinctivo official da classe de motoristas.

Deu-se então uma verdadeira aposta de corridas: o auto de madame na frente e o do commendador atraz.

Afinal, quando chegaram os tres á casa do commendador, este desceu do taxi, e avançou para a esposa. Berrou:

— Vaes morrer, desgraçada!

Deante da furia do marido, ella cahiu, dramaticamente, a seus pés, de joelhos, e supplicou:

— Espera, espera! Não sejas afobado! Repara no bonnet do chauffeur e no relogio do taxi!

O carro do cavalheiro era particular; mas trazia um relogio de taxi para atrapalhar. E ella, continuando:

— Sahi para fazer a compra de um presente. Não sabes que hoje é o anniversario do nosso casamento?

E o commendador, reparando no relogio do taxi e no bonnet do cavalheiro:

— Desculpe, chauffeur! Quanto custou a corrida?

— Vinte mil réis!

O commendador pagou a despeza e ainda deu dois longos beijos na esposa...

A de gola branca:
— Eu tenho uma linda idéa da vida!
A do «lorgnon»:
— Eu a vejo pelo seu lado côr de rosa...

— Tenho frio!

TEDIO — Os senhores já repararam na situação do escriptor, do intellectual, do jornalista, emfim? Attentem n'*Os palhaços*, a famosa opera que, como these, demonstrou o quanto é amarga a vida dos que têm de parecer alegres e felizes, deante da turba-multa. Lembrem-se do *Mal secreto* de Raymundo Corrêa:

Quanta gente que ri, talvez, existe,
cuja ventura unica consiste
em parecer aos outros venturosa!

Ahi está, meus senhores! Essa é a situação do jornalista. Quantas vezes os senhores lêem o que escrevemos, riem das pilherias que dizemos, e, no emtanto, ignoram que essas mesmas piadas, essas hilaridades fôram escriptas com a alma a sangrar...

Ai de nós!

O jornalista não tem alma, nem coração. Ou por outra, a sua alma e o seu coração estão na ponta fina da sua penna de aço. De aço, vejam bem. Nem sequer as de ouro chegam para elle. São tão difficeis... Essas pennas preciosas custam muito dinheiro. E si nós fossemos escrever com pennas de ouro? Ellas só chegam para os homens de fortuna, — os quaes, si não têm a intelligencia da belleza, possuem a das finanças, que é indiscutivelmente, muito mais apreciavel que a dos esthetas...

Ora, muito bem!

Eu dizia que a nossa alma não existe para o effeito do publico. A nossa alma é o que a nossa penna escreve.

Que importa que estejamos felizes com a nossa vida modesta? Que importa que uma circumstancia atroz nos obrigue a verter lagrimas de sangue?

O nosso dever é parecer impessoal. E' dar a perceber que a nossa alma se reflecte naquillo que o jornal exige que escrevamos. Perceberam?

Os senhores não querem saber de choramingas. Querem é uma nota de alegria, cheia de *verve* e bom humor. Tristezas não pagam dividas, diz o rifão. E a verdade é que o leitor não dá o seu rico dinheiro por uma revista elegante para ouvir la-

murias e *de profundis.*

Bastam as tragedias diarias dos jornaes, as lutas politicas, a febre amarella e tantas outras coisas que amolam a paciencia de um mortal. Não é verdade?

Em visto disso... (Perdoem esse começo banal de periodo...) Para que os senhores não digam que eu os xaropeei, com este *suelto* sem graça, vou offerecer-lhes uma novidade... Mas esperem... Onde está essa novidade? Francamente, eu lhes vou passar um bom logro. Porque esta é que é a verdade: hoje estou cheio daquelle *tedium vitæ*, que deixa um cavalheiro bem intencionado com as peores intenções.

Queiram desculpar. De outra vez prometto ser menos pau. .

RÊVERIE — DE YVES —

Sim... Tu dizes que na minha vida és apenas uma sombra que passa... E depois, num desalento que tem a fórma de uma dôr lacrimejante:

— Oh vieste a mim! Vieste para o meu carinho, com a magoa de muito ter demorado. E, assim, na demora de nos comprehendermos, passámos a nossa vida, embranqueceram os nossos cabellos finos...

Talvez tenhas uma certa razão. Quem sabe? Será tarde para alcançar o sonho que a nossa imaginação perseguia? Acaso a nossa mão ainda está longe de apanhar o passaro azul da felicidade? Esse passaro que deve estar nos jardins brancos das nuvens, do luar e das estrellas?

Quem sabe lá! Eu espero ver, ainda algum dia, cedo ou tarde — si tu és a sombra da minha vida. Si és essa projecção do meu corpo, deve estar longe como o bello sonho que perselezas inaccessiveis: a sombra dos lirios que se abrem á face dos lagos silenciosos e romanticos... a sombra das estrellas núas que fogem pelos caminhos do céo, com pudor da luz forte do dia... a sombra dos sonhos bellos... a sombra

"MISS" SAUDADE

Vens da calma tristonha, vens do silencio resignado,
Em que como num bosque antigo, em sombras de
[veludo,
Melancolicamente se refugia
Minha tortura de homem contemplativo e fatigado
De tantos sonhos bons, de tantos sonhos inattingidos

Vens como o beijo do céo na angustia do meu
[destino...
Trazes, ainda, na fórma estranha em que te purificas,
Nostalgias literarias de um tempo que a gente sempre
[recorda...
De imagens sentimentaes que a memoria nunca ol-
[vida...
Visões lyricas da infancia amadas nos romances
[tristes,
Nas historias que a gente lê com os olhos hume-
[decidos...
Vens como Branca de Neve, vens como Princesa
[Magalona...
Tuas mãos niveas choram o adeus de duas grandes
[saudades
Que se esfumam, ao sol-pôr, nos caminhos vagos da
[distancia...

Vens como amphora azul de agua maravilhosa
Da fonte das lagrimas...
E applacas em minh'alma a sêde fulgurante
do sonho d'arte que olha pela tristeza dos meus olhos,
Com indifferença e tedio, as cousas futeis deste
[mundo.

Vens dançando, dançando no bosque antigo do meu
[silencio...
Ouço teus passos, em rythmos lentos, como se fosses
A alma branca de Pavlowa ainda batendo sobre a
[terra
Suas azas languidas de cysne...
Na extrema resurreição do ultimo sonho de belleza.

MONTEIRO TEIXEIRA.

gues... E si és sombra, deves ser a sombra dourada que ficou no espaço, depois que passou o bando das estrellas que caminham pelo carreiro claro de S. Thiago...

Tu és bella demais para ser a sombra de um corpo opaco e inferior. Serás a sombra das bel-

dos perfumes que ondulam, sobre o linho dos altares dos santos e das Nossa Senhoras pallidas e brancas... a sombra da felicidade longinqua...

E' por isso que te dizes "minha sombra", e caminho, á tua procura, sem te vêr...

A PSYCHOLOGIA DAS PALAVRAS — DE YVES —

— Os poetas têm preferencias por umas certas palavras que, sendo muito bonitas, têm uma significação de coisa tragica. Tysica é uma dellas.

Quasi todos os poetas, principalmente os lyricos e romanticos, usam e abusam do seu emprego.

Antonio Nobre, Augusto dos Anjos, Cesario Verde e tantos outros que seria longo ennumerar.

Mas ha muitas outras de que os poetas não se servem e são lindas do mesmo modo.

Exemplo: as que designam doenças apavorantes: psychose, nevrose, sarcoma, conjunctivite, e outras em ose, oma e ite.

Outras ainda que exprimem perigo e ruina. Certos alcaloides, como cocaina, opio, haschich, etc.

Vejamos as palavras bonitas, que lembram destruição: dardos incendiarios, granadas, fulminante, lacrimogenio, toxicos, vomitivos, vesicantes...

Sabem o que é isso? São gazes venenosos, que se usam na guerra. Imaginem, meus senhores, que coisa horripilante.

No emtanto, como são sonoros esses nomes: lacrimogenios... esternutatorios... suffocantes... Cada um delles representa a morte, o anniquilamento, a desgraça, a destruição.

Na categoria das palavras lyricas, estão inclui-

dos vocabulos perfeitamente abstractos, em relação ao que pretendem exprimir. Um delles — amor.

Nada mais inexpressivo do que essa palavra. Em Isso em alguns casos. Em outros, ella em vez de traduzir o que parece tradu-

"MISS BRASIL"

ESTA silhueta, de uma elegancia irreprehensivel, pertence a «Miss Brasil» (Olga Bergamini de Sá). E' a sua silhueta que se recorta no quadro da tarde azul, cheia de claridades diaphanas e macias — a tarde da sua partida para o certamen de Galveston. «Miss Brasil»! A eleita de um concurso popular e a representante de uma raça superior: a raça brasileira. Por isso mesmo, ella perde a sua personalidade, para se transformar em um symbolo que todos nós devemos enaltecer. Não discutamos si ella vae tentar a conquista de uma victoria rumorosa, com o esplendor da sua belleza pessoal, e si esse titulo poderia ser concedido a uma outra, talvez portadora de graças mais radiosas e de perfeições physicas mais surprehendentes. «Miss Brasil» é o reflexo da nossa grande Patria. A imagem da nossa Patria, que se reflecte na belleza de uma das suas filhas. Exaltemol-a na glorificação desse symbolo, dignificando, assim, a terra que nos deu o berço e o nome de todas as nossas patricias, na figura dessa mulher brasileira.

zir, tem uma significação inteiramente diversa.

Amor. E' logico pensar que o amor resuma a felicidade. No emtanto elle encerra em si um mundo de sentimentos complexos, absurdos, incoherentes, entre si.

E quantas outras expressões que estão no mesmo caso!

Verdade! Quando é que essa palavra exprime o que se propõe exprimir? Ha nada mais discutivel do que uma verdade? E quantas vezes ella é empregada com a intenção de encobrir uma mentira, que se quer passar como um facto verdadeiro!

Felicidade! Outra palavra que só existe na imaginação dos sonhadores. Na verdade, quem é que pode provar a existencia de semelhante palavra?

Em summa, Shakespeare é quem tem razão: "Palavras, palavras, palavras"... Ellas, na realidade, não dizem sempre aquillo que pensamos, nem o que deveriam dizer.

As mulheres, em geral, quando querem dizer "sim", dizem "não". E vice-versa.

Só ha, entre as palavras, duas que traduzem fielmente, aquillo que significam: dinheiro e ouro.

Dinheiro é dinheiro; e ouro é o que ouro vale.

ROSAS DE SAADI

Não sei por que hoje: olhando o céo, tão sereno e tão azul, tive saudade daquellas noites de maio em que nós dois, de mãos dadas, num doce enlevo, subiamos a ladeira sombria daquelle morro das nossas illusões sentimentaes... Não sei por que um céo lavado de saphyra me trouxe a evocação dolorosa de uma felicidade que nunca mais ha de voltar... Não sei por que me lembrei, numa tarde assim, de um sol tão lindo e um céo tão azul, daquellas noites em que eu só via, nas sombras que nos envolviam, o céo azul de teus olhos e o sol doirado de teu cabello... Não sei por que...

Tua figurinha clara e alegre fugiu de mim, e só me deixou a saudade de uns dias vertiginosos de amor... De uns dias que eu evoco amargamente, como si evocasse a lembrança de um morto querido. Ao menos esse consolo eu tenho.

Não sei por que o céo azul de maio, que se estende magnifico sobre mim, neste entardecer primaveril — me enche de saudade e me traz á lembrança desolada umas horas romanticas vividas á luz discreta das estrellas, entre arvores silenciosas, e longe, bem longe do rumor inquieto da cidade...

A vida dos que amam tem desses paradoxos nietzscheanos...

:.: PAINEL DE AZULEJOS :.:

OS OHNETS

O máu gosto é o bom gosto dos tólos. Tudo neste mundo é relativo. E, si os imbecis e estultos gostassem daquillo que os intelligentes e sabios apreciam, a vida seria ainda mais desagradavel do que é.

A respeito de Georges Ohnet, que considerava hors la litterature, *Anatole France escreveu estas deliciosas palavras:*

"Il faut aussi que les pauvres d'esprit aient leur idéal. N'est il pas vrai que les figures de cire, exposées aux vitrines des coiffeurs inspirent des rêves poétiques aux collégiens? Or, les romans de M. Georges Ohnet sont exactement, dans l'ordre littéraire, ce que sont, dans l'ordre plastique, les têtes de cire des coiffeurs."

Ha muitos desses membros de fóra em todas as litteraturas do mundo. A nossa vida litteraria, embora não muito rica nem longa, está cheia delles. São uma especie de cogumelos litterarios. E ha quem goste delles. Dahi a razão de poderem viver.

Ha quem delles goste, por que o máu gosto é o bom gosto dos tólos. Os meninos que adoram os manequins de cêra são incapazes de apreciar a Victoria de Samothracia. *Da mesma fórma, os que lêm os Ohnets, alheios ou nossos, não supportariam* Monsieur Bergeret á Paris...

A ANECDOTA MUSICAL

Contam que, quando foi levada á scena pela primeira vez, em Milão, a opera O Barbeiro de Sevilha, *o* publico *vaiou-a.*

Levada á noticia do fiasco a Rossini, seu autor, este limitou-se a sorrir, a encolher os hombros e a dizer:

— Tanto peggio pel publico.

— Tanto peggio pel publico! O compositor tinha razão. Quando o publico não está á altura de comprehender uma obra prima, sem duvida tanto peor para elle...

SHAKESPEARE

"Il y a deux manières depassionner l afoule au theatre: par le grand et par le vrai. Le grand prend les masses, le vrai saisit l'individu.

Le but du poète dramatique, quel que soit d'ailleurs l'ensemble de ses idées sur l'art, doit donc toujours être, avant tout, de chercher le grand, *comme Corneille, ou le vrai, comme Molière; ou mieux encore, et c'est ici le plus haut sommet ou puisse monter le génie, d'atteindre tout a la fois le grand et le vrai, le grand dans le vrai, le vrai dans le grand, comme Shakespeare."*

VICTOR HUGO

JOSÉ DE ALENCAR E O POVO

"José de Alencar, que foi um cultor da forma e um estylista dos mais reputados, revoltava-se contra o culto ferrenho dos moldes classicos, insubordinava-se contra os anachronismos litterarios, exigia a revolução da lingua de accordo com o progresso das idéas e pugnava pela intromissão de neologismos em o nosso vocabulario, exigindo tambem que o torneio da frase se adaptasse aos novos meios de expressão do povo. Salientava a influencia reciproca que exerciam entre si o publico e o escriptor, dizendo: — "São da mesma forma as bellezas litterarias dos bons livros; o escriptor as inspira do publico e as depura da sua vulgaridade."

ARTHUR MOTTA

AUTORIDADE E LEI

Chamfort escreveu num de seus famosos pamphletos que o inglês despreza a autoridade e respeita a lei, e o francês respeita a autoridade e despreza a lei.

Si elle tivesse conhecido o Brasil, certamente accrescentaria o seguinte: e o brasileiro não respeita nem a autoridade, nem a lei...

Sabe com quem está falando?...

AS MARMITAS

José de Alencar tinha toda a razão quando denominou o carioca "parisiense americano" e "atheniense dos tropicos". Ninguem tem mais espirito do que o povo desta grande, bella e bôa cidade. A graça, a propriedade, o imprevisto de suas alcunhas e gracejos são em verdade dignos de Athenas e de Paris.

Ha dias, ia eu com um amigo e, ao chegarmos na Cinelandia, alinhavam-se rentes ao meio fio uns doze ou quinze automoveis particulares, novinhos, todos elles dessas pequenas limousines americanas que estão em voga actualmente. Elle disse-me:

— Sabes como o carioca appellidou esses carrinhos da moda?

— Ainda não.

— Marmitas.

— Marmitas? Por que? Não comprehendo.

— Reflecte um instante.

— Não. Não entendo.

— Sim, marmitas, por que nellas se levam as comidas...

* * *

A minha gargalhada espantou os transeuntes pacatos...

D. JAYME

NOTAS DE ARTE

CANDIDO Portinari é o pintor brasileiro que deteve, este anno, o premio de viagem da nossa Escola Nacional de Bellas Artes e a cuja obra a critica tem feito lisonjeiras referencias. Candido Portinari está de viagem para a Europa, mas não quiz deixar-nos sem, antes, nos proporcionar a opportunidade de apreciar os seus ultimos trabalhos, numa exposição que foi inaugurada quarta-feira desta semana, no salão do Palace Hotel.

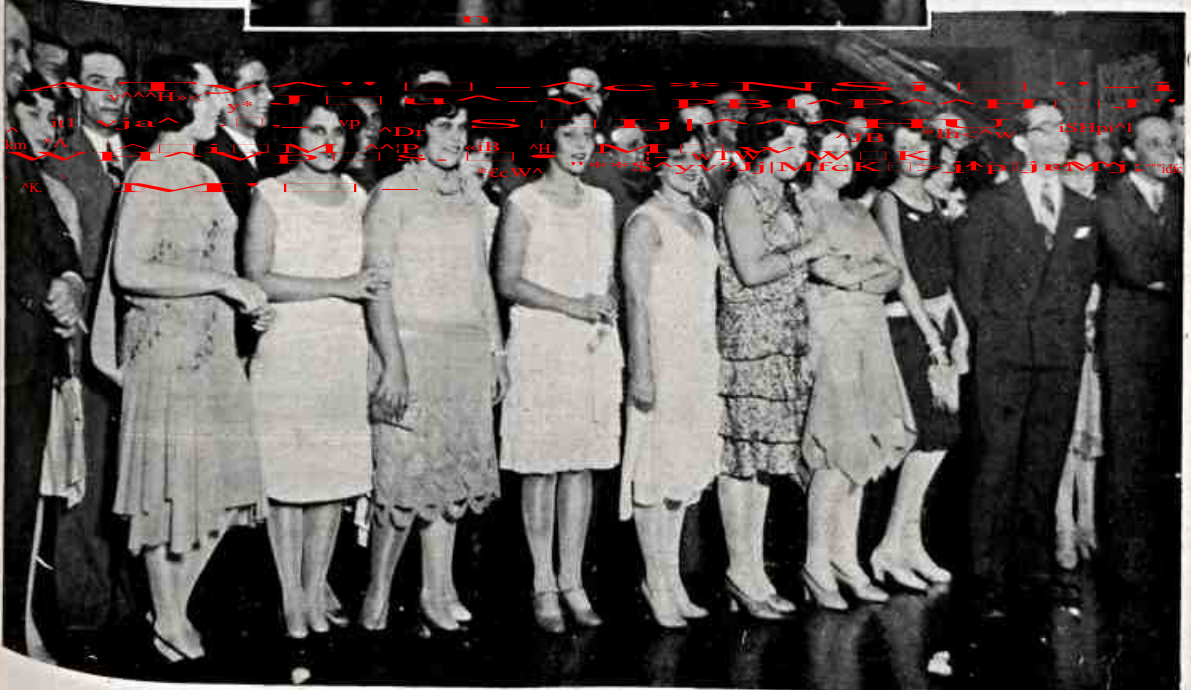
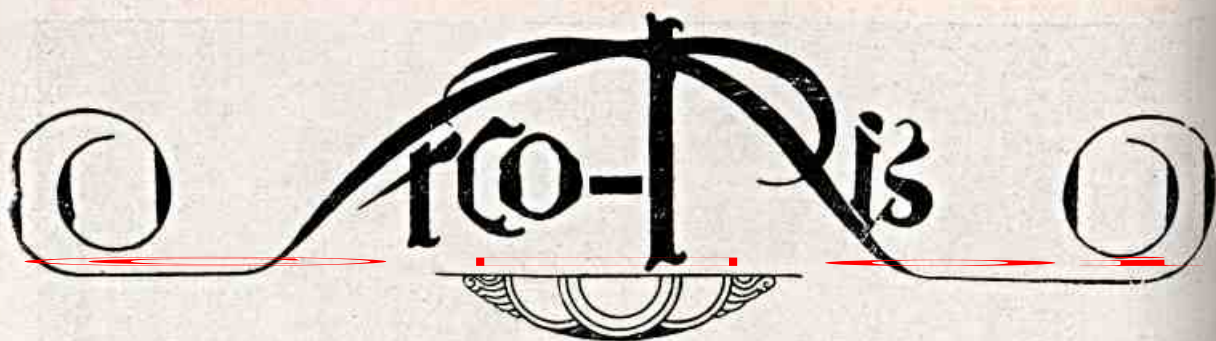
SEIXOS

Quando tu me dizias, numa quasi inconsciencia de mulher bonita, que o maior amôr é o que se não chega a comprehender, eu, muita vez, descrente, tentava contrariar...

Hoje, não; hoje eu concordo comtigo, sorrindo dolorosamente...

SEIXOS

Ha uma embriaguez, no ar, do perfume das rosas que eu trouxe para a alegria de teus olhos, esses mesmos olhos que, ha pouco, de contentes, sorriam e choravam, ao abraçar os meus, que choravam e sorriam de felicidade...

Os calouros da Escola Nacional de Bellas Artes tiveram este anno, pela primeira vez, a sua festa de recepção, que foi linda e alegre, porque cheia de sorrisos e de «blagues»...

CARTA A UMA VERANISTA QUE NÃO VOLTOU

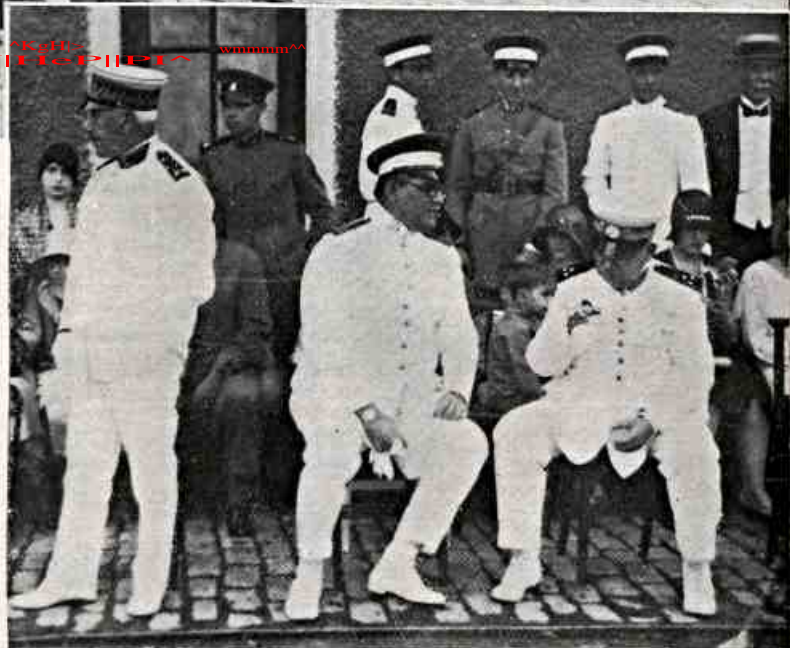
Rio, maio, 18. Faço-te esta,
querida amiga, mas sem ter a dar-te
nem novidades, nem alviçarices,
sobre a ultima festa
de outra miss que parte,
ou o esplendor das derradeiras misses.

Na ultima carta,
pedias-me alguns livros. Ahi vão.
Si não é seára farta,
é seára bôa. São — Simplicidade
e A Costella de Adão,
livros finissimos e leves,
feitos de graça e naturalidade,
um de Berilo Neves,
que chega, vê e vence,
e outro de um poeta que pertence
á fina flôr da nossa geração,
pois, si não fez a Illiada *ou a* Eneida
fez o que se permitte
em nossa era e em nossa edade;
sim. Guilherme de Almeida

de Messidor e de Simplicidade
é um poeta de élite
e uma alma de verdade.

Berilo é de outro genero, talvez.
Não faz versos, faz prosa,
faz paradoxos. Mas, no quanto faz,
anda o espirito junto á candidez,
que esse amavel rapaz
de vida harmoniosa,
veiu do Piauhy
ao Rio de Janeiro,
e no que escreve aqui
argumento não quer que prove e esmague:
faz um amigo em cada companheiro
e em cada quatro linhas, uma blague.

Pelo ultimo correio
mandei-te livros de Breton e Gide,
da segunda remessa que nos veio
com as revistas inglezas. Si as quizeres,
dize. Eu sei como o tempo se divide
para as mulheres:
Entre um poeta, um romancista
e um costureiro,
o romancista é bom, o poeta é optimo,
mas bem sabes dos tres qual o primeiro...

COMMEMORANDO o 121.º anniversario da organização do 1.º Regimento de Cavallaria Divisionario, o commandante e officiaes daquella unidade do Exercito offereceram, segunda-feira á tarde, no quartel da avenida Pedro II, uma festa sportiva e dançante, que teve o brilho de todas as que alli se realizam. Esta pagina fixa tres aspectos dessa linda festa.

:: Lanternas de Papel ::

A ESCADINHA SECRETA

No seu estudo sobre a celebre dansarina da Opera de Paris La Guimard — "moulée et dotée par les Graces," a verdadeira Graça do seculo XVIII, como escreveu, Edmond de Goncourt conta coisas muito interessantes. Não era sómente nas pantomimas em que foi famosa que a Terpsichore do seu tempo, a rival vencedora da Camargo, abandonava amavelmente o seu corpo voluptuoso e macio. Ella, que sabia dansar com os braços tão bem como com as pernas, o que assombrava ao dansarino Dupré e provocara o poema de Duplain, que achava a arte da linda mulher uma verdadeira declamação, melhor sabia amar com esses mesmos harmoniosos gestos que faziam a platéa do theatro delirar. Foi tal o seu exito artistico que, quando deixou o palco, levou comsigo um genero que jamais reviveu com outra dansarina.

La Guimard soube amar como soube dansar. Pierre Manuel escrevia esta subtileza perversa na Policia de Paris Desvendada, quando ella era mocinha ainda: "Toute jeunnette encore, Madeleine Guimard avait trop de grace dans ce qu'elle disait pour qu'on ne fut pas tenté de voir si elle en mettrait autant dans ce qu'elle ferait..."

Com effeito, ella amou e dansou com a mesma graça e ao mesmo tempo. E o seu amor foi como uma dansa alegre e leve, mutavel, inconstante e tentadora. Ella teve continuamente os seus amantes uteis, homens de negocios, que lhe permittiam vida sumptuosa, os seus amantes honorarios, principes de sangue, duques ou ministros, que lhe davam destaque social e influencia na politica e na administração, e os seus amantes do coração, que a envolviam em ternura, que a adoravam ás escondidas e lhe consolavam talvez a alma...

O outro consolo era a caridade, que a grande dansarina praticava diariamente. Uma poesia da epoca diz:

Guimard, vos pas vifs et [savants
Peignent le ris et la [décence
Vous triomphez dans [tous les temps
Par l'amour et la bien- [faisance.
A table, en un souper [d'amis,
Votre gaité franche et [piquante
Prodigue mille traits [exquis
D'une saillie étincelante.
Et vous savez parmi ces [jeux,
Le matin, en robe com- [mune,
Conduisant les amours [joyeux,
Aller visiter l'infortune,
Au fond d'un reduit [ténébreux.

E o proprio Marmontel escreveu e publicou uma ode celebradora dessa caridade de mundana que espantava o Paris alguns annos antes da Revolução Franceza. Ella começava assim:

Est-il bien vrai, jeune et [belle damnée.
Que, du théâtre embelli [par tes pas,
Tu vas chercher dans des [poids galetas
L'humanité plaintive [abandonnée?

Alongava-se em elogios e bençãos, para terminar desta sorte, perfumado de fria ironia:

A cinquante ans un grand [Carme, á confesse,
Fera ta paix. Un songe [séduisant,
Une erreur tendre, une [douce folie
Peut s'effacer; mais ja- [mais Dieu n'oublie
Qu'on fut sensible et [qu'on fut bienfaisant.

E era tal a generosidade da dansarina que, escreve o seu historiador, não somente os pobres iam bater á porta do palacio que ella habitava no bairro elegante e nobre da Chaussée d'Autin, porem os pequenos negociantes que tinham um compromisso urgente a solver e até os jogadores que deviam pagar uma divida de voltarete ou bacarat no praso de honra de vinte e quatro horas. Conta-se mesmo que uma vez, apiedada dum joven official que perdera no jogo, entregou-lhe os luizes de oiro perdidos e, quando elle lhe quiz dar um documento de emprestimo, o deteve com um gesto, dizendo:

— Senhor, basta-me a sua palavra.

O coração da mulher desarmou mesmo os pamphletarios que se encarniçavam na epoca contra as altas mundanas, atraz de cujas saias corriam os soberanos e os ministros, os duques e os pares, os financistas e os administradores, os generaes e os magistrados, emquanto o paiz rolava para o abysmo revolucionario. Até esses a denominavam la soeur de misericorde.

Descrevendo os aposentos onde ella residia, Madame Delizy disse o seguinte a Edmond de Goncourt: "No primeiro andar, a camara que se via logo á entrada era o quarto da Guimard. Particularidade curiosa, ao fundo da grande alcova onde estava o seu leito, existia uma porta que dava para uma escadinha secreta, a qual levava occultamente ao rez do chão. Essa escadinha secreta parecia feita para a introducção ou fuga subita e silenciosa dum amante."

E por que não poderia servir tambem para as

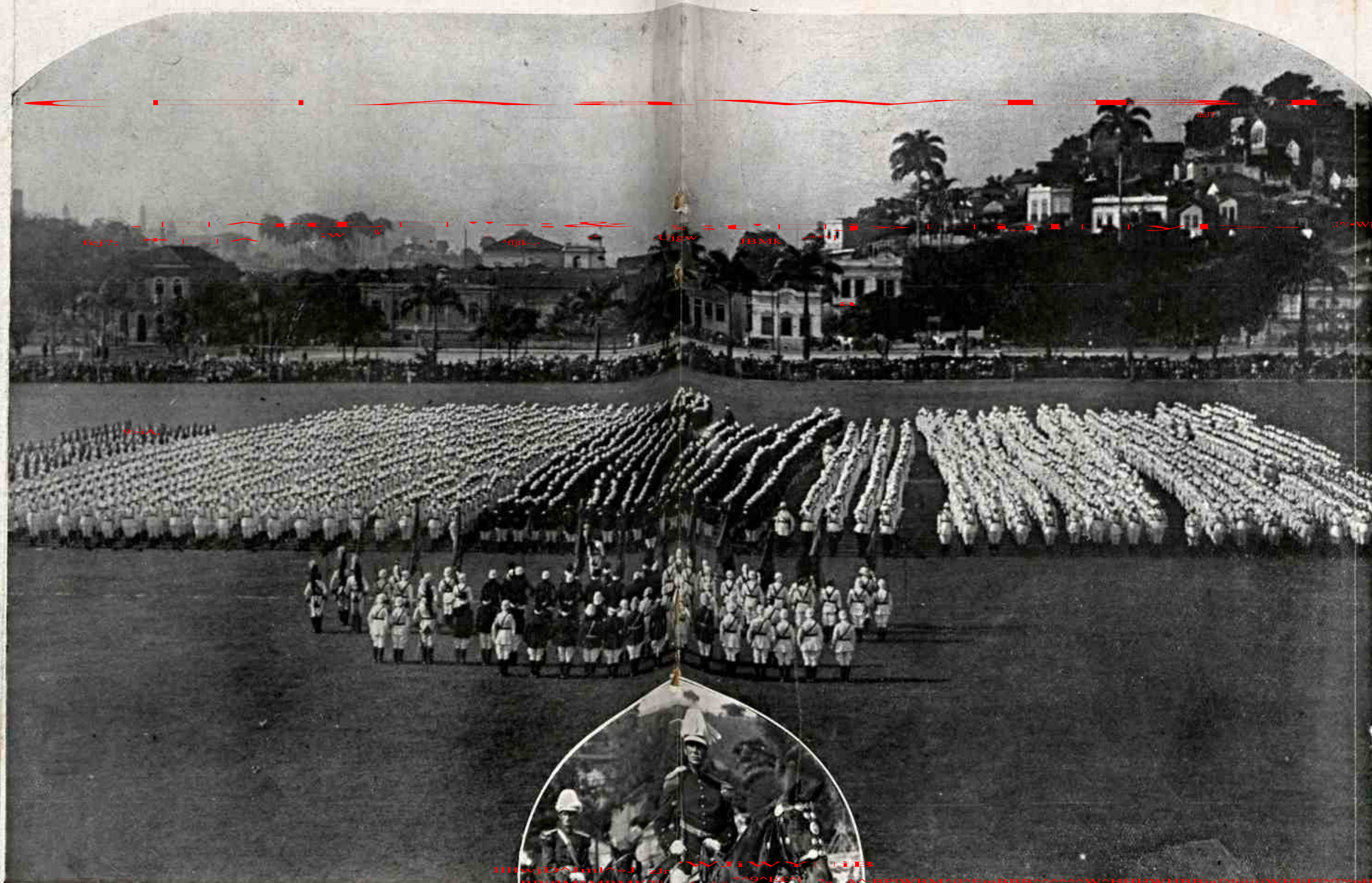
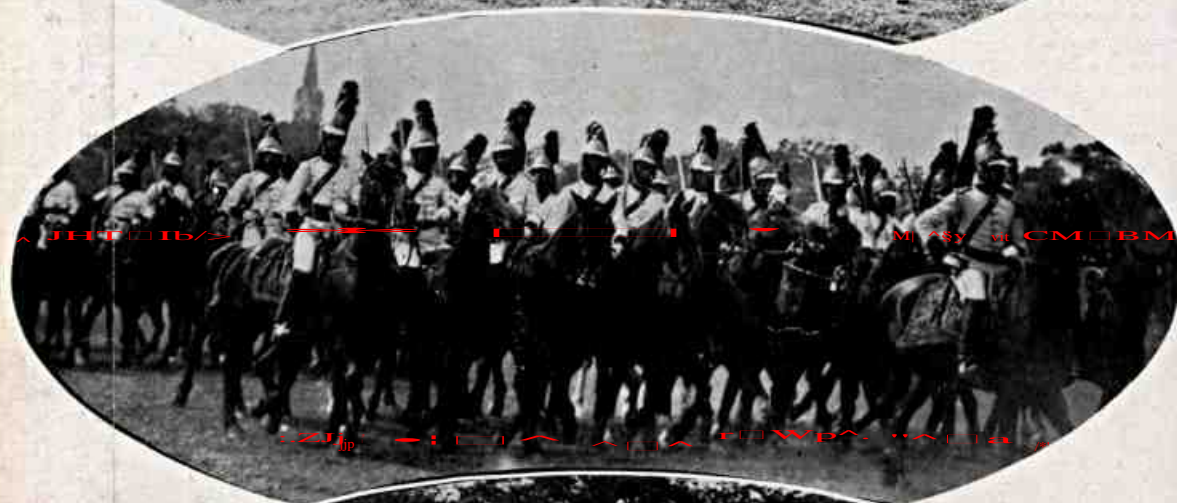
HERMAN Lima, que até aqui era conhecido como escriptor, «conteur» de estylo filigranado. Muitos são os livros, ricos de pensamento e belleza, onde elle nos dá a sentir os primores da sua imaginação joven e os brilhos da sua prosa elegante. Agora elle revela uma nova feição do seu espirito: o scientista. Herman Lima acaba de formar-se em medicina, após um curso brilhante, vencido com varias distincções, na Faculdade da Bahia. Especializou-se em Clinica Pediatrica Medica, tendo defendido a these intitulada «A facies da criança», onde estão consignados com fulgor os seus conhecimtntos sobre o assumpto.

suas sahidas occultas, em busca dos pobres que soccorria e consolava? Nós sabemos que ella amava tres especies de amantes, porém que ella auxiliava maior numero de especies de pobres.

Toda mulher tem dessas escadinhas secretas, quando não na sua casa, pelo menos no coração. E ellas servem muitas vezes a um fim mais nobre do que aquelle mesmo para que ellas a construiram...

CLAUDIO FRANÇA

O sr. presidente da Republica, dr. Washington Luís, chegando ao campo de São Christovão, na manhã de segunda-feira, para assistir á cerimonia do juramento á Bandeira pelos conscriptos e voluntarios desta região militar. E s. ex. com as altas autoridades civis e mi-militares presentes á mesma solennidade, na tribuna de honra.

GLORIFICANDO A PATRIA

Foi um espectaculo de grande imponencia civica a cerimonia militar de segunda-feira, pela manhã, no campo de São Christovão, em que alguns milhares de jovens brasileiros, recentemente incorporados ao serviço do Exercito, como sorteados e voluntarios, prestaram o juramento solenne do soldado da Patria, deante do symbolo verde-amarello da nossa Bandeira e das altas autoridades da Republica. Na luz dourada da manhã, a mocidade gloriosa, que jurou honrar as armas brasileiras, desfilou, garbosamente, ao som das fanfarras do nosso Exercito. A disciplina, o enthusiasmo, o brilho dos metaes, a imponencia das attitudes, o garbo dos noveis soldados, tudo isso constituiu uma demonstração de força e patriotismo, nunca desmentida nos dias asperos da soberania nacional. A engrandecer esse quadro de grande brilho marcial, rutilava o sol louro do nosso céo. O sr. presidente da Republica e todos os seus secretarios de governo assistiram, da tribuna official, destinada a s. ex., a essa solennidade das nossas forças de terra, que foi ainda mais suggestiva por se ter realizado no dia 13 de maio, data que tanto honra a nossa patria.

FLAGRANTES do desfile das tropas do Exercito que segunda-feira pela manhã formaram no Campo de São Christovão.

SEIXOS

Adeus?! Não. Adeus é quando se vae partir para não mais voltar... Adeus é renuncia... é esquecimento... é a noite da tortura succedendo á alvorada do amôr... é a reticencia sombria, incolor, indefinida, que vem nas pégadas de um sonho de esperança...

Adeus é o infinito de todo um pensamento, a fatalidade de toda uma illusão que não resistiu á Vida...

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

Como aquella agua profunda, clara e purificada, ou aquelle pão sadio, que se tem guardado, de que falava o poeta — e, por isso mesmo, uma e outro mais desejados — tu, oh meu amor, surgiste, um dia, para a benção do meu carinho, cheia de bondade e de pureza.

Foi hontem ainda isso — seis mezes apenas decorreram — e, na fonte crystallina e em festa de teus labios, na amphora generosa de teu coração, desde então, eu encontrei a agua fresca e pura e o pão suave e mystico da minha fé e da minha adoração.

Porque foi assim que te amei, vendo em ti a expressão sublimada do vinho eucharistico de um amor feito de céo e de bondade, de pureza e de revelação — a revelação de toda a minha ansia interior, que se fez fé e se fez evangelho, evangelho cujos mandamentos refulgiram em letras de luz na caricia morna de teus olhos negros... céo de meus olhos verdes.

Os dias correm, o tempo passa e, do balcão florido do meu culto a ti, ha seis mezes, querida, tu vens desfolhando sobre a terra, antes esteril e ingrata, de meu coração, as rosas mysticas do teu abençoado amor.

Ha seis mezes, num dia quente de sol, uma linda tarde de verão, de novembro azul e illuminado... Lembras-te?

Depois, o nosso romance de todo amor, com o seu soffrimento e a sua alegria, as suas inquietações e as suas tristezas.

De todo amor, não, querida, porque o nosso é um amor *fort comme la mort*, formado nos vasos mais puros do nosso coração e, por isso mesmo, infinito e quasi divino.

Não é?...

Sei que sorrirás, que estás a sorrir, entre feliz e duvidosa, da pieguice com que te falo.

Que fazer, porém, para não parecer... piegas, se não ha amor sem sentimentalidade, sem o condimento de uma pieguice?

E ahi está por que abri, hoje, o balcão florido de minha alma e de meu coração em honra a ti, sobre quem, nesta tarde de azul e illuminada de maio, desfolho carinhosamente a floração de primavera do meu sentimento, do meu amor de outomno, — nascido numa tarde clara e quente de novembro...

LETRAS FEMININAS

«Espelho de Loja».... é bem o espelho magico e luminoso de uma alma de mulher, de mulher culta, dotada de raro talento e de admiraveis qualidades de observação do meio em que vive. E' o livro de estréa de Alba de Mello, a brilhante chronista que tanto se tem sabido impôr á admiração dos nossos circulos intellectuaes. «Espelho de Loja» é uma linda serie de chronicas vivas, scintillantes, estylizadas, e que a escriptora acaba de dar á publicidade, enfeixando-as num elegante volume de cerca de 200 paginas, precioso escrinio espiritual que se lê com encanto e com prazer.

(Photo Nicolas)

BONECA NA AVENIDA

Os dias, as tardes *chics* da Avenida têm tido uma movimentação fantastica de Bonecas. De lindas e encantadoras Bonecas que vão, alli, *folichonnes* e gentis, fazer a ronda da elegancia e da graça.

A grande arteria da cidade — alma e coração da terra carioca — tem vivido uns dias régios, de deslumbramento e de belleza. Um fausto de côres, de linhas, de rythmos, tudo suave e doce como o mez que vae correndo, — mez das flores da terra e tambem do céo — empresta á Avenida a estranha fascinação de uma alameda florida de algum mysterioso e encantado palacio de fadas.

Boneca, actualmente, passada a febre da parada da Belleza, das homenagens ás *misses* de todo este Brasil, faz a Avenida e o Mez Marianno: rende o seu preito á elegancia e, depois, vae desfiar as contas de seu rosario aos pés de Nossa Senhora, nos templos em que se cultúa a Virgem Santissima...

Boneca saberá ainda rezar?

Chi lo sa?...

ESTRELLAS CADENTES

Alma de minha alma, tu te vaes, meu amor? E me deixas tão só, tão triste, tão desamparado?

Por que, se eras a minha alegria e a minha ventura, o meu sorriso e a minha luz?

Cosa bella mortal passa
[e non dura

E tu, que eras bella e eras boa, que eras generosa e eras cheia de carinho, e alácre e festiva como um *jazz-band* de

A do leque:
— «Elles» nunca saberão si sou feia ou bonita...
A outra:
— Mas saberão que és joven... pelo vestido curto...

* * *

rythmos cadenciados e prodigos, tu tambem eras... mortal, oh doce e sempre abençoada alma da minha *juventude!*

Suave e feitiça miragem da minha vida, minha alma, feita de sonho e de illusões, de alegria e de enthusiasmo, de exaltação e de fé, de amor e de idealidade — alma da minha mocidade que *se meurt*, por que me abandonas neste triste e arido *mezzo del camin?*

Afflicto, começo a tombar o outro lado da montanha da vida sem que tu, coroada de flores e ungida de fé, tragas, de novo, para mim, a consolação da tua alegria de outrora, o quente carinho da tua solicitude tão prompta e tão generosa.

Alma da minha juventude, sadia, e forte, e enthusiasta, ha quantos annos não sorris para mim, ha quantos annos me condemnaste á tortura desta velhice da angustia e da desillusão!

Sinto, porém, que tu tambem soffres, que tambem tens saudade do recanto amigo e hospitaleiro de meu coração onde, um dia, — bem poucos dias! — tu, palpite e festiva, cantaste dentro de mim a divina canção do sangue quente e generoso da vida!

Minha alma de outrora, minha alma de moço, forte como um rythmo barbaro, meiga e suave como uma benção de mãe, ardente e impetuosa como um beijo de amor, por que te vaes, por que me abandonas?

Ma petite ame, ma mignonne,
Tu t'en vas, donc, ma fille? Et Dieu sache où tu vas!
Tu pars seulette et tremblotante, hélas!
Que deviendra ton humeur folichonne?
Que deviendront tants de jolis ébats?

SORRINDO...

As saias acima dos joelhos estão dando logar a momentos bem desagradaveis para as mulheres de alguns paizes. Ainda ha pouco, na Italia, onde se constituiu uma liga de combate ás saias demasiado curtas, um grupo de representantes do sexo forte tomou a si, arbitraria e violentamente, a iniciativa de marcar, a giz, a carvão, ou a tinta — a noticia não especifica — o logar das pernas das mulheres que encontravam na rua, até onde deveriam as mesmas descer as saias.

Essa deliberação, significativa de um movimento de revolta contra os exaggeros da moda, determinou vexames de toda ordem e uma verdadeira corrida de moças e senhoras na cidade italiana onde foi levada a effeito.

A policia, naturalmente, foi forçada a providenciar, fazendo cessar essa "brincadeira" de máu gosto, que tanta indignação causou ás donas das pernas que foram gizadas.

De mau ou de bom gosto, a violencia dessa marcação de pernas não deixou de ser providencial nos seus effeitos indirectos.

A campanha já iniciada, na Italia, contra os excessos e os inconvenientes da moda, tomou vulto, inflammou-se e ampliou o seu circulo de acção, sob o patrocinio do clero e de altos elementos da nobreza da terra de Beatriz e de Laura — as grandes inspiradoras do Dante e do Petrarca, *donne che avevano intelleto d'amore* e, por certo, uma austera noção de recato, de dignidade e pudor femininos.

Aqui, provavelmente, uma marcação de pernas á italiana daria logar a uma média de centimetros a descer bem mais elevada que a ali verificada. Não exaggeramos avaliando-a entre 3 e 4 centimetros de panno a mais para... cobrir os joelhos!

Mas, francamente, agora que acabei de dar o meu recado, fico sem saber se esse baixar de pannos será um bem ou um mal.

Perdem-se, com isso, tantos *coups d'oeil* do outro mundo, deixa-se de ver tanta coisa, a olho nu, tambem do outro mundo!...

POMBO-CORREIO

Minha querida e encantadora amiga — A esta hora, por certo, se me quer e me estima como diz, mesmo que o lindo céo do seu sertão mineiro se descerre sobre você como um docel azul, gloriosamente luminoso, o céo de sua alma e de seu coração deve estar bem sombrio.

E, quem sabe, se não tambem tempestuoso?

Porque, Maria do Céo, você, com a minha demora em responder á sua ultima carta — uma carta em que o seu pequeno coração já parecia tão afflicto e inquieto — naturalmente terá visto no meu involuntario silencio uma confirmação das duvidas que, então, a assaltavam.

Mas, minha bôa e sempre querida amiguinha, você que é santa — a minha adorada Santa Therezinha deste valle de lagrimas — deveria ser mais forte na sua fé, na fé deste abençoado amôr profano que liga, hoje, o meu ao seu destino. Um peccador, como eu, casar-se, um dia, com uma Santa como você, Maria do Céo, parece um contrasenso, um absurdo! Deus, porém, escreve direito por linhas tortas e a você, Maria do Céo, concedeu a graça infinita de realizar o suave

milagre da minha perfeição moral, trazendo para o regaço amantissimo a ovelha tresmalhada que tem sido este seu quasi impio amigo.

Impio, não; descrente, somente, era o que, hoje, crê, em Deus e em você, na luz divina e na divina luz de seus olhos. Porque foi preciso que Deus, para descerrar os meus olhos á luz da sua revelação, puzesse um symbolo vivo e magnifico do seu Evangelho de Fé diante de mim, Maria do Céo, para que eu, reverente e crente, comprehendesse a alta munificencia da sua Bondade e da sua Graça. E o symbolo vivo, o traço de união que me elevou da terra peccadora aos pés de Deus Glorioso, foi você, sómente você, minha dôce e meiga Santa Therezinha!

Pascal tinha razão quando escreveu: *c'est le cœur qui sent Dieu et non la raison...* E, só quando eu senti Deus no coração, Deus a mim revelado através da luz clara e bemfazeja de seus olhos negros, Maria do Céo, é que resolvi confessar-lhe, de coração aberto, que a amo, religiosa e tão puramente quanto é possivel amar um homem a uma mulher, que não é bem mulher porque é anjo e é santa.

Acreditará, agora, em mim, minha filha? Não terá mais duvidas a respeito do meu amôr e terá confiança bastante nesta sua "criança" — como você, ás vezes, me chama — para entregar-lhe a sua felicidade, o seu futuro, o seu "céo" de santa na terra purificada de meu coração?

O meu exame de consciencia, a minha conversão — eis ahi, Maria do Céo, a razão da minha demora em responder á sua carta.

Perdôe-me se a fiz soffrer, involuntariamente. O nosso amôr terá, assim, a benção do soffrimento e da dôr, que o sagrará para sempre.

E, agora, depois da tempestade, aguardemos ambos os nossos dias de bonança e de felicidade.

Está satisfeita?...

SEARA ALHEIA

FIRMIN ESTRELLA GUTIERREZ

PRIMAVERA

Bienvenido sea, Señor, este gozo
que en la sangre joven se insinúa leve,
tal como un riacho ebrio de alborozo
que se despeñase cantando a la nieve.

Los ojos cansados de los libros, miran
la metamorfosis de la primavera,
los musculos, laxos, de ansiedad se estiran
y esta carga de anños se torna ligera.

El escepticismo que amargó la vida
al perfume suave de la flor se esconde;
renace en el pecho la ilusión perdida
y a la voz del Kempis, el fauno responde.

A dónde se fueron las tristezas de antes?
Y aquella amargura del amor en vano?
Hoy la Primavera quiere a los amantes
y un amor por otro cura con su mano.

Bienvenido sea, Señor, este hermoso
renacer de brotes y de amor profundo;
la esperanza de hoy me ha vuelto dichoso
y me siento un hombre nuevo sobre el
[mundo.

PETIT-BLEU

Meu coração está em festas, hoje. Meu coração, para quem são tão raras as horas sorridentes, e tambem minha alma.

Sob a benção deste crepusculo sereno, cortado de azas de passaros que buscam o gasalhado dos ramos, ainda me palpita, estereotypada na retina deslumbrada, a manhã azul e clara que se abria, como um sorriso de teus labios, sobre a prata scintillante das alvas praias de Ipanema.

Meu coração, perto de ti, junto do teu, cadenciava o seu rythmo pelo rythmo forte e sadio do mar que cantava aos nossos pés.

Como eu me sentia feliz, querida, e como parecia infinito como o mar, infinito e mysterioso e profundo, o meu, o teu, o nosso amôr, sob o céo azul de Ipanema, gloriosamente illuminado!

Tu, porém, é que eras a minha luz, o meu sol, o meu céo — o meu enlevo e o meu encanto.

E, ainda sob a intensa e suave fascinação que me dominou, hoje, a alma e o coração, é que, como o poeta,

Je ris á tous les cieux,
Je ris á tous les êtres...

Bemdito amor que me faz sorrir, que me traz aos labios o sorriso suave e bom da felicidade!...

SOCIEDADE

Recepções — O distincto casal C. Paula Barros, commemorando a data natalicia de sua galante e querida filhinha Maria, abriu, no dia 8 do corrente, os salões de sua residencia, á rua Ramon Franco, para uma recepção intima, que decorreu encantadora.

O festejado poeta de *Muyrakitãs* e sua digna esposa, D. Antonietta Paula Barros, offereceram, assim, a numerosas pessôas do seu vasto circulo de relações nesta capital, algumas horas de verdadeiro encanto e desvanecimento, captivando a todos pela fidalguia e lhaneza de seu trato e de seu gentil acolhimento.

Quando o olhar não diz tudo, o sorriso é que mais fala... Difficil, porém, é entendel-o, nos labios de uma mulher...

REVERBEROS

Não é de hoje que os paulistas vêm assistindo, curiosos e admirados, á faina de milhares de proletarios que, satisfazendo aos desejos de um millionario audacioso, entenderam de edificar uma cidade nova dentro do coração de São Paulo.

Já ha muito tempo...

Ha muito tempo?

Certamente, porque nesta éra de vertigem, em que o homem conquistou todas as forças da natureza para ajudal-o a andar depressa e a vencer, num minuto, dezenas de kilometros de distancia, representa muito uma dezena de mezes de esforços e de estudos.

E é esse — um pouco mais talvez — o tempo que se exigiu para elevar ás nuvens os vinte e cinco pavimentos da cidade nova que se construiu no coração de São Paulo.

Essa cidade se chama edificio Martinelli.

Póde abrigar em seus aposentos a população inteira de um bairro ou de uma pequena cidade, e offerece todas as vantagens da vida moderna, que não chegaram ainda aos bairros mais afastados e ás pequenas cidades do interior.

A vida, alli dentro, terá certamente o mesmo encanto que a de qualquer grande cidade.

Quer-se ir a um theatro? Toma-se o primeiro elevador que passa apressado, e elle, maravilhosamente, em alguns segundos, nos conduz a um theatro confortavel e moderno, onde milhares de pessôas descansam e se divertem.

E depois do theatro? Para onde ir? E' ainda o elevador que resolve, e um minuto depois a nossa vista se recreia nas luzes multicôres, e os nossos ouvidos se alegram á musica alegre e excitante, e os nossos sentidos todos são tomados do suave torpôr de um *cabaret* de luxo.

Mas se apagam as luzes do salão, deixam-n'o as mulheres deliciosas que o fôram enfeitar com sua belleza, e lá se vão os musicos, e lá se vae com elles a alegre gargalhada dos moços felizes. E agora?

Ora! Não está lá adeante, a um segundo de distancia, o restaurante refulgente, com seu *dancing* ao lado? Ou o café ou o bar, ou o jardim suspenso onde poderemos receber, na fronte fatigada, o ar fresco da alvorada?

Ou, então, vamos para casa. E, para isso, não é preciso nada, nem o bonde, nem o automovel. Um homem fardado de verde, muito correcto e sorridente, com um simples gyrar de manivela, pára o seu elevador á porta de nossa casa.

Mas um dia nos enjoamos de casa.... Não se dá sempre isso? E que fazer então? Mudar-se? Certamente.

Mas para onde?

— Ora! Para um bom hotel. Para um grande hotel, onde haja muito luxo e a vida muito cara e brilhante.

DOIS flagrantes tomados no campo do Club A. Paulistano, em São Paulo, por occasião do torneio de estreantes da F. P. A. A assistencia, na «torcida», e os athletas que tomaram parte na competição sportiva.

NA egreja de São Bento, em São Paulo, realizaram-se solemnes exequias por alma do venerando e saudoso conselheiro Antonio Prado, no setimo dia após seu fallecimento. A nossa photographia fixa um instantaneo tomado á sahida daquelle templo, depois dessas exequias.

Mas onde está esse hotel?

Alli adeante mesmo. A tres segundos de distancia, dentro da Cidade Martinelli, e com varios andares riquissimos e bellos.

E' tão facil tudo naquella cidade...

Isto tudo é verdade. A Cidade Martinelli já existe. Foi inaugurada ante-hontem, com uma grande festa, á qual accorreu a sociedade mais brilhante de S. Paulo.

E para que todos, grandes e pequeninos, recebessem o seu quinhão de beneficio na inauguração desse grande melhoramento da capital paulista, a festa com que elle se entregou á cidade foi em beneficio de uma grande instituição de caridade: o Dispensario de Nossa Senhora de Lourdes...

D. Francisco Villaespesa, o illustre poeta hespanhol tão conhecido e admirado no Brasil, e que ora se acha em São Paulo, tem recebido, alli, expressivas homenagens dos circulos intellectuaes e sociaes da grande metropole. A gravura acima focaliza um aspecto da festa com que os estudantes da Faculdade de Direito da capital paulista receberam a visita de Villaespesa áquelle estabelecimento.

TREPAÇÕES

A galante menina Gisela, filhinha do capitão Cicero Marinho.

O senhor moreno e gordo, que para apparentar mocidade deitou abaixo o bigóde e se apetintra em ternos de brim branco, entregou-se, inteiramente, ao *sport* de vadios, qual seja o de atropelar senhoras nas ruas.

E' de um ridiculo espantoso quando pretende deitar as garras nas pobres e indefesas victimas, mas, não desiste, perseguindo-as nos bondes, nos omnibus...

Estamos, entretanto, para decifrar por que o impagavel D. Juan tem o habito de fazer ponto ás suas aventuras ali no pavilhão Mourisco, onde sempre salta dos vehiculos.

Quer a dama alvo da sua attenção tenha ou não consentido em ouvir-lhe as lorótas, elle não vae além do pavilhão citado, de onde volta para embarafustar-se numa rua proxima.

Será um caso clinico para ser apreciado pelo discipulos do professor Juliano?

Parece...

A *miss* voltou á provincia convencida de que o Rio é a cidade dos basbaques...

Disse ella antes de partir que havia sido admirada, examinada, tolhida nos menores passos, nos seus movimentos naturaes, mas que regressava fatigada das manifestações méramente platonicas...

Teria desejado, certamente, receber uma prova de admiração mais sensivel e positiva de sua vaidade de mulher bonita, como uma declaração de amor ou um pedido de casamento, por exemplo.

Porem, nada disto aconteceu, e ella que tanto amou a natureza esplendida do Rio, que tanto desejou ficar sob o calor do nosso céo, vae resignar-se á pacata vida de provincia, onde morrerá docemente a sua fama de mulher bella, nos braços de um marido burguez.

Realmente, a interessante *miss* tem carradas de razão, pois o Rio não passa de uma deliciosa cidade de basbaques...

O nosso amigo recebeu uma telephonema de uma creatura desconhecida.

CARNAVAL DE 1929

Mario Jorge e Maria Thereza, filhinhos do poeta Jorge de Lima, no carnaval deste anno, em Maceió, fantasiados de «matutos alagoanos».

O interessante Romulo, filhinho do sr. Rubens Falcão, inspector escolar no Estado do Rio, e de sua exma. esposa, d. Antonietta Annette da Cunha Falcão.

— Quem fala?

— E' uma admiradora.

— Mas como se chama?

Ella lhe deu um nome sonoro e literario.

— Ah! que prazer! — disse elle, cheio de contentamento. Desejaria conhecel-a. Pode ser?

— Talvez...

— Talvez, não. Diga: Sim!

— Pois sim...

Ora, isso é muito commum aqui no Rio. Aqui e creio que em toda parte. A gente, pelo telephone, vê um anjo em cada mulher que nos fala. Fica num doce enlevo... Mas depois, si ella é um estafermo?

Foi essa a duvida em que ficou o tal rapaz, o nosso amigo, depois de ter mostrado interesse pela desconhecida do telephone:

Em que ficará o caso?

Vamos indagar do cavalheiro...

PROMOVIDO pela «União Brasileira», de Hamburgo, realizou-se naquella cidade, um concerto da joven pianista nossa patricia Maria Lecticia Harms em homenagem ao professor Juliano Moreira, quando o scientista brasileiro visitou, recentemente, a Allemanha. Na photographia acima apparecem, além da pianista e do professor Juliano Moreira, os consules Filinto de Abreu e Henrique Schuler e membros da colonia brasileira de Hamburgo.

CIZALHAS

As horas do soffrimento physico são talvez as mais verdadeiramente dolorosas da vida.... Com a dôr moral nós podemos raciocinar, contra ella podemos luctar, auxiliados pela força de vontade, o orgulho, a dignidade; della podemos procurar distrahir-nos pelo trabalho ou as diversões...

Porém contra a persistencia de uma dôr a nos dilacerar a carne, não ha reflexão que valha, e nem siquer nos resta o palliativo de uma occupação, pois, o espirito embaçado recusa seguir nossa vontade, e os prazeres nos são interdictos pelo proprio estado de saude nosso...

O consul do Chile no Amazonas e sra. Raul de Azevedo deram, na séde do consulado, em Manáos, uma recepção em honra do coronel do exercito chileno D. Carlos Vergara, addido militar á embaixada do Chile no Rio de Janeiro, que ha pouco visitou aquella capital do norte. Compareceram a essa festa, além do homenageado, o presidente do Estado e senhora e outras altas autoridades, que apparecem no flagrante acima.

CIZALHAS

Quando o espirito está triste, em vão brilha na natureza a alegria de um bello céo azul todo inundado pelo riso luminoso do sol.... Em vão a frescura do ar e a transparencia crystallina da atmosphera nos convidam ao prazer singelo do viver. Ha certas tristezas que são como uns oculos escuros postos sobre a vista espiritual. Através delles tudo parece sombrio e esfumado, tudo se nos depára monotono e insosso qual si houvesse distingido sobre o mundo todo a nuança parda de nossa magoa.

SOMBRAS CHINEZAS

PHOTO FILM DA CIDADE

Melindrosa é um moinho de vento, sempre a gyrar, e a fazer gyrar tambem o coração da gente. Se ella tivesse azas para voar, certo voaria sem direcção e sem rumo, ao sabor da palpitação e da ansia de suas asas.

E porque é assim, insegura, incerta, indecisa, irreflectida e quasi de todo inconsciente, manifestando a sua volição por impulsos sem cadencia, sem rythmo, com intermittencias mais ou menos bruscas, mais ou menos curtas ou prolongadas, vive a atrapalhar, a perturbar e desequilibrar a vida dos mais, dos que, como eu, se dão á grossa patetice de se prender aos encantos dessa mariposa louca.

•

Mas o mundo é assim mesmo — o mundo e a vida — cheios dessas curiosas, extravagantes e rebarbativas aberrações. Eu, que me reputo um homem sério, circumspecto, e quasi austero, tenho o meu fraco, o meu ponto vulneravel nesse béguin, ridiculo e baboso, por Melindrosa. E ella — a finoria! — tanto já me comprehendeu, que usa e abusa de mim como se eu fôsse uma "coisa"! E' certo que não sou nenhum trouxa. Lá isso, não! Faço-me tal, ás vezes, por motivos de ordem intima, e, mesmo, porque sempre ouvi dizer que um dia é da caça, outro do caçador.

•

Ora, para verem como é Melindrosa, esperta e ladina, passo a expôr o meu ultimo desapontamento. Hão de estar bem lembrados, os que me lêem, que, ainda ha pouco, Melindrosa me fez sonhar com coisas que não eram bem da China quando, obsecada pela idéa de tomar corpo, para rivalizar com a Venus de Milo, deu inicio a um regimen de engorda simplesmente disparatado. De engorda e de medida, porque ella queria ficar "anthropometrica".

Eu, calma, pacientemente, com uma paciencia de burro, mas de burro matreiro e intelligente — tudo aguentei. E regalei com dóces de todo feitio e natureza (dizem que dóce engorda) a minha querida Melindre. Fil-a tomar cerca de um litro de Malzbeer por dia. Enchi-a de tonificantes e de comidas gordas.

Por que, porém, tudo isso? Confesso o meu peccado: porque Melindrosa me dissera que, quando estivesse em fórma, em point, desejava que eu lhe tomasse as... medidas.

NOTAS LITERARIAS

O dr. Hygino Cunha, presidente da Academia Piauhyense de Letras e figura de grande relevo nos circulos sociaes de Therezina.

* * *

NOTAS MEDICAS

O dr. José Condeixa Filho, que cursou com raro brilhantismo a nossa Faculdade de Medicina, viajou, ha poucos dias, para a Europa, a bordo do «Cap Arcona». O illustre e joven medico patricio, com essa excursão de estudos ao Velho Mundo, pretende especializar-se em obstetricia e gynecologia operatoria, devendo fazer um demorado estagio em Paris, Berlim e Vienna.

Os dias, porém, iam passando e nada, nada de Melindrosa entrar na medida!

Depois, quando eu menos esperava, começou ella a fazer careta para os dóces que eu lhe offerecia, solicito, a ter nauseas quando eu lhe falava numa malzbeerzinha para a filhinha ficar gordinha, coradinha, rechonchudinha, etc., etc.

Pois não é que ella já não queria engordar mais!

Cahi das nuvens com a minha decepção, com a minha esperança que fugia...

Ainda assim, fiz uma tentativa de salvação da minha ambicionada candidatura de medidor de Melindrosa:

— Então é que já estás na medida, filhinha? Vamos verificar hoje, não é?

— Verificar, o que, Esaú?

— Tu não disseste que querias que eu te tomasse as medidas?

— Não, Esaúzinho. Já não quero engordar. Enjoei dóces, bombons e o mais. Mas, não é por isso que desisto...

— Por que, então, Melindre, agora que vinhas melhorando tanto? Teu bracinho está mais cheio — e corri-lhe a mão pelo braço nú; — teu collozinho tambem, e a perninha...

Ao fazer, porém, o gesto de baixar-me, Melindrosa gritou-me afflicta:

— Não, Esaú! Não me pegues na perna. E' peccado. Então não leste aquelle sermão?

— Que sermão?

— Aquelle contra o torneio de belleza...

— Ah, sim. Estás piegas, hoje. Adeus.

— Não te zangues, Esaú. Um dia tu tomarás as minhas medidas...

— Sim, amor? Quando?...

— Quando tu fôres meu... maridinho... Sim?

— Veremos, depois.

E desconversei... mudando de assumpto.

Estas mulheres têm cada bobagem!

Intimamente, porém, eu quasi me sentia satisfeito, porque, desta vez, Melindrosa parecia que realmente estava desejosa de tomar juizo.

Haverá, porém, logar para essa coisa, hoje tão rara, na cabecinha de vento de Melindrosa?...

Esaú & Jacob

SABBADO ultimo, o Corpo de Bombeiros recebeu a visita do sr. presidente da Republica, dr. Washington Luis, que ali chegou ás primeiras horas da manhã, acompanhado do sr. ministro da Justiça, dr. Vianna do Castello, do prefeito da capital, dr. Antonio Prado Junior, e do commandante Braz Velloso, da casa militar da presidencia da Republica. O coronel Maximino Barreto, commandante daquella corporação, apresentou os cumprimentos dos bombeiros cariocas ao chefe da Nação e percorreu com s. ex. todas as dependencias do grande quartel da Praça da Republica, em cujo pateo interno foram realizados varios exercicios de extincção de incendio em presença do doutor Washington Luis e sua comitiva.

O CASAMENTO

Si os meus leitores são observadores, certamente já terão notado que os casamentos da actualidade não mais constituem simples arranjos feitos em familia.

Da convivencia entre parentes, e do habito da frequencia de casas amigas, surgiram os casamentos dos nossos paes.

Para tão arriscado passo, na vida, era necessario conhecer o futuro marido, era preciso estudar as manhas ou as virtudes da esposa futura.

Mas, apesar de tão demorados estudos, do ensaio de uma vida em commum, isto não impedia que houvesse os mal casados, nem os divorcios por incompatibilidade de genios...

Actualmente, os habitos são outros.

O acaso é o grande factor dos casamentos dos nossos dias.

Quasi todos se casam por descuido..., porque viram uma garota na sala de um cinema, porque encontraram uns olhos num bonde, porque toparam com uma deliciosa creatura num chá elegante.

Os matrimonios são agora obras do acaso, e nós apenas procuramos realizar a felicidade, sem demóras, nem o preparo de situações que, antigamente, constituiam phases indispensaveis.

Nós ás vezes, adivinhamos a felicidade num vestido que passa deante dos nossos olhos, ou num perfume que perturba os nossos sentidos...

O acaso une destinos, muito embora isto espante uma geração mui proxima formada de velhos caturras...

CIZALHAS

Contam-nos Mérejkovsky, em seu livro maravilhoso "Os mysterios do Oriente", que ao ser descoberta a mumia do pharaó Ramsés o Grande, envolveram-n'a em uma pagina do "Temps" e a trouxeram até o Cairo num carro. Alli, o agente da alfandega, não achando, nas tarifas, rubrica correspondente, lhe applicou a taxa fixada para a importação do bacalhau... Assim é com toda a g r a n d e z a humana... Nunca lhe falta um ignorante ou um nescio para a diminuir, applicando sobre ella a medida de seu espirito acanhado, ao pretender julgal-a... E como é natural, logo a reduz a um conceito semelhante ao que humilhou tão irrisoriamente a grandeza de Ramsés...

CIZALHAS

Parece que Napoleão foi um dos inventores do *cocktail*. Emquanto derramava o heroismo no coração de seus soldados, por meio de largas distribuições de aguardente elle proprio se sustentava nas campanhas com uma mistura de alcools em pequenas dóses. Quem nol- conta é Bourienne, que foi seu secretario particular.

Os nossos collegas do «Correio do Brasil» realizaram, na noite de 8 do corrente, a coroação da «Rainha dos Preparatorianos», mlle. Maria Campos. Foi uma linda festa mundana e de arte. Nella tomaram parte vários intellectuaes e senhoritas da nossa sociedade, estando tambem presente a senhorita Elza Bezerra («Miss Pará»).

FILIGRANAS

Naquella montra de cambista ao canto da rua, fiquei parado algum tempo, olhando lentamente a face polida das moedas de oiro e prata: corôas, aureos, florins, pesos, piastras, libras, francos, pesetas, dollars, soberanos, guinéos, escudos e marcos. No anverso das libras esterlinas em que S. Jorge lanceia o dragão me veio á memoria a estrophe do Tasso na *Gerusalene liberata*:

D'una pietosa istoria e di devote
Figure la sua stanza era dipinta.
Vergine intorno il bel volto, e le [gote
Vermiglia, è quivi presso un drago [avvinta.
Con l'asta il mostro un cavalier [percote;
Giace la fera nel suo sangue [tinta;
Quivi sovente ella s'atterra, e [spiega
Le sue tacite colpe, e piange, e [prega.

Creio que murmurei um pouco alto, porque alguns transeuntes me miraram de soslaio, meio espantados...

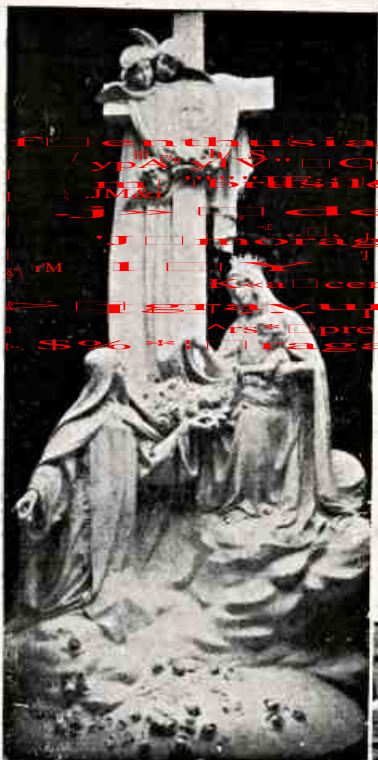
GARAGE TIJUCA

DOMINGO passado, com uma festa magnifica, que começou á tarde e entrou pela noite, foi inaugurada a Garage Tijuca, á rua Barão de Mesquita, n. 339. Trata-se de um estabelecimento que honra a nossa capital, pelas suas grandes proporções, pelo luxo das suas installações e pela sua excellente apparelhagem technica. Um estabelecimento completo, no genero, porque foi construido e montado dentro das exigencias do seculo, isto é, de accordo com os mais modernos requisitos. O sr. Alfredo E. Pouman, seu proprietario, e figura bem conhecida no nosso meio commercial, pelas grandes realizações que tem levado a termo, soube comprehender as necessidades destes dias em que o automovel empolga o mundo e conquista a humanidade. A Garage Tijuca, que tem na sua gerencia o joven Alfredo Pouman Filho, recebeu, por occasião da sua festa inaugural, a benção da Egreja, dada pelo revmo. monsenhor Mac-Dowell, vigario da matriz de S. Francisco Xavier. O sr. Alfredo E. Pouman offereceu aos seus convidados, pessoas de destaque social, uma taça de «champagne» e farta mesa de doces, sendo, nessa occasião, saudado pelo nosso confrade dr. Berilo Neves, que falou em nome dos presentes e poz em relevo a obra do sr. Pouman.

As photographias desta pagina focalizam aspectos da inauguração da Garage Tijuca, que á noite de domingo foi franqueada ao publico, que ali teve, tambem, a sua festa, com doces e bebidas.

PEREGRINAÇÃO BRASILEIRA Á TERRA SANTA

A proxima peregrinação brasileira á Terra Santa, comprehendendo tambem, no seu itinerario, a França e a Italia, está despertando grande enthusiasmo no nosso meio catholico. Patrocinada pelo archiepiscopado brasileiro, essa encantadora excursão de turismo e de fé realizar-se-á a 19 de setembro proximo, precisamente no periodo das expressivas commemorações com que o catholicismo de todo o mundo festejará o jubileu sacerdotal de S. S. o Papa Pio XI. As gravuras que aqui publicamos representam a Basilica do Sagrado Coração, em Paris, com a sua monumental escadaria; a Basilica do Vaticano, e o lindo grupo da capella do Carmello, em Lisieux, em que se vê Santa Theresinha do Menino Jesus desfolhando sobre a terra as rosas do céo. Entre os illustres organizadores da proxima peregrinação brasileira encontra-se tambem o brilhante escriptor patricio, dr. Perillo Gomes, que muito se vem esforçando para que a mesma alcance o maior exito, recommendando, assim, as tradições do espirito catholico de nosso povo.

Roma - Basilica Vaticana.

A MULHER

Sempre se comparou a mulher com a flôr pelo encanto, com a mariposa pela mobilidade, com a pomba pela ternura. Tambem póde ser ella comparada com a abelha e a formiga pela actividade infatigavel, pela industria minuciosa e pelo acendrado amor ao lar domestico.

EDUARDO DE POMPÉRY.

FON-FON

FON-FON e todos os que aqui trabalham agradecem, desvanecidos, as provas de amizade que receberam dos seus innumeros leitores, por occasião do anniversario desta revista. Provas que nos chegaram de longe e de perto, em cartas, telegrammas e visitas pessoaes de cumprimentos pela passagem da data que é mais dos nossos leitores do que nossa.

Na impossibilidade material de agradecer a cada um dos que nos mandaram ou trouxeram pessoalmente as suas saudações, por tão grato motivo, aqui deixamos consignado o nosso profundo reconhecimento.

LETRAS CATHOLICAS

FILIGRANAS

Acredito piamente tudo o que tu me contas. Tudo. Tudo. Tudo. Mesmo quando de meus olhos indagadores, fogem as tuas pupillas sensuaes, esverdinhadas como um pantano...

Acredito piamente tudo o que tu me contas. E repito-te como a Catalota do *D. Juan* de Moliere:

"Mon dieu! je ne sais si vous dites vrai, ou non, mais vous faites que l'on vous croit."

Em verdade, não sei si falas ou não a verdade, mas fazes com que eu te creia.

Acredito piamente tudo o que me contas. Tudo. Tudo. Tudo.

Por que?

Porque te amo. E o amor, como é cego, cega tanta gente...

* * *

O revmo. padre J. Cabral, illustre figura do nosso clero, é o autor do livro «Lutas da Mocidade», que acaba de apparecer e que constitue um verdadeiro guia moral para a mocidade. O padre Cabral estuda em sua obra, á luz dos ensinamentos da egreja catholica, todos os vicios modernos que são a causa da corrupção social dos nossos dias.

A MULHER CHIC

A baroneza de Boustethen, ostentando um lindo chapéo de feltro negro com fita de couro «beige». Modelo Jean Patou.

(Photo Luigi Diaz — Especial para FON-FON).

DOMINGO passado, nos salões do Botafogo F. C., foram entregues solennemente, os premios conquistados pelos vencedores das provas sportivas realizadas na fortaleza de São João, commemorativas da fundação da cidade, a 20 de Janeiro ultimo. Essa cerimonia foi promovida pelo Centro Carioca.

Janella de cupido

Cheio de flôres, cheio de perfumes, illuminado de sol, o jardim alastra-se sob o balcão da janella.

Numa gaiola dourada, suspensa á parede, uma avesita prisioneira gorgeia, sonorizando a atmosphéra pura dessa manhã festiva.

Um gentilhomem approxima-se. Vestido á moda de Luis XVI, feições finas e delicadas, o ar romantico, traz nas mãos um bouquet e nos labios um sorriso enternecedor.

Ella, a "dama dos seus pensares" bordando junto á janella, presente os seus passos; afasta a cortina de rendas e apparece-lhe — toda vestida de branco — linda! — cabellos loiros... olhos azues...

E os dois, ternamente emocionados, esquecem-se de que as horas vão girando vertiginosamente, e que o sol de ha muito já transpôz o seu zenith...

◇◇◇

A "pallida rainha das balladas" desponta devagarinho, por detraz dos telhados escuros do casario adormecido.

A' janella, ella o espera ansiosa, alongando o olhar amoroso pela rua tristonha e envolta em sombras...

Um vulto desenha-se ao angulo duma esquina...

Acerca-se, pressuroso e sorridente...

E o quadro da janella é um pequenino paraiso para os dois apaixonados...

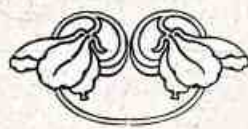
As estrellas, invejosas, piscam maliciosamente umas para as outras...

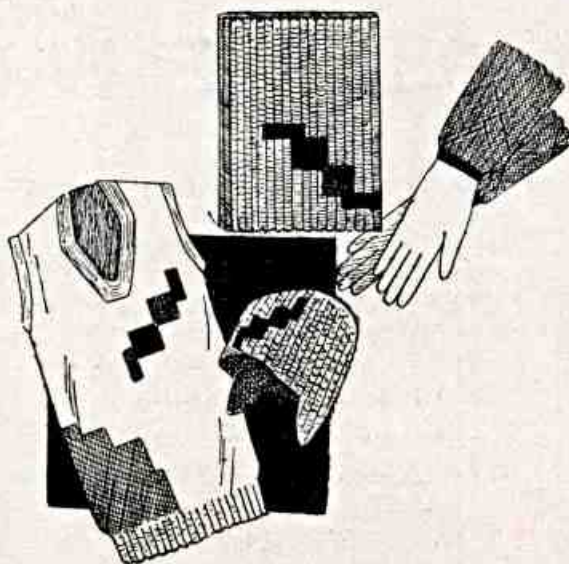
Os bronzes das egrejas assombram o silencio da noite, cantando as horas...

Elles nada vêem, nada ouvem. Amam...

◇◇◇

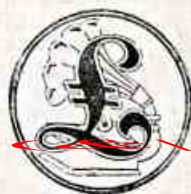
Mudam-se as épocas, mudam-se os personagens — mas o enredo do romance sempre será o mesmo...

MUCIO DE CASTRO SERRA

VARINHA DE CONDÃO

TRAJES DE SPORT — O sport,, hoje em dia, representa uma occupação importante na vida de toda moça elegante. Cultivando-o apenas para conservar sua agilidade ou a linha juvenil do seu corpo ou praticando-o com paixão e enthusiasmo, disputando campeonatos ou jogando tennis ou golf somente porque está em moda fazel-o, rara é a mulher actual que não se interessa ou se interessou por algum genero de exercicio. Por isso, se occupam os grandes costureiros dos trajes de sport, com o mesmo esmero com que se applicam a lançar novas creações para chás ou para a noite.

Testemunha-o esse gracioso conjuncto de Hermés que reproduzimos na figura 1. A sweater, sem mangas, é de lã, cinza claro, com barras e motivo sobre o lado, cinza mais escuro, e applicações no peito em quadrados alternados pretos e vermelhos. Acompanha-a um chapéu pequenino de feltro cinza, cobrindo completamente as orelhas como um gorro de aviador, e enfeitado com as mesmas applicações rubro-negras.

As luvas são cinza claro, com traços pretos nos pulsos e alto canhão côr de chumbo, e a car-

Fig. 1

824

Gravações novas apresentadas pela

PARLOPHON

desde Agosto do anno passado

QUANDO OS DISCOS "PARLOPHON" FORAM LANÇADOS QUASI QUE REPENTINAMENTE, NO MERCADO BRASILEIRO, EM AGOSTO DE 1928, TIVERAM IMMEDIATA PREFERENCIA DO PUBLICO, PELA QUALIDADE DA GRAVAÇÃO E PELO FINO ACABAMENTO DO DISCO

A FABRICA "PARLOPHON" POR SUA VEZ, TEM PROCURADO CORRESPONDER A ESSA PREFERENCIA, MELHORANDO CADA VEZ MAIS A GRAVAÇÃO, GASTANDO IMPORTANTES SOMMAS PARA ESSE FIM.

ATÉ A PRESENTE DATA FORAM IMPRESSOS NO RIO DE JANEIRO, MAIS DE 412 DISCOS DIFFERENTES, COM 824 GRAVAÇÕES, SENDO 322 FEITAS NOS STUDIOS DO RIO DE JANEIRO, DE CANÇÕES E DE DANSAS BRASILEIRAS, CANÇÕES COMICAS, DECLAMAÇÕES, FOX-TROTS, TANGOS, VALSAS, FADOS, SOLOS INSTRUMENTAES, ETC

114 DISCOS IMPRESSOS AQUI SÃO DE MUSICA POPULAR ESTRANGEIRA, E 137 DE MUSICA CLASSICA ESTRANGEIRA. PORTANTO O REPERTORIO DA "PARLOPHON" É JÁ BASTANTE EXTENSO, E A FABRICA CONTINUA A TRABALHAR CADA VEZ COM MAIS AFINCO PARA PODER SATISFAZER O GOSTO MUSICAL DO SEU ENORME PUBLICO QUE O VEM FAVORECENDO COM A SUA PREFERENCIA

Brevemente serão postos á venda os discos gravados no Studio Parlophon de São Paulo

---

Distribuidores para o Districto Federal, Est. de Minas Geraes, Rio e Espirito Santo

OPTICA INGLEZA

Rua do Ouvidor, 127

RIO DE JANEIRO

teira é cinza claro com os mesmos quadrados alternadamente vermelhos e pretos que enfeitam a sweater e o chapéu.

AS FLORES SOBRE CASSA — Não ha duvida

Fig. 2

que os stores de filet, ou os ricamente bordados á Richelieu, são os mais luxuosos e ornamentaes, porém não deixem de ter encanto as cortinas singelas de cassa ou voile, que se podem fazer sem grande perda de tempo. Com uns entremeios e umas applicações de rendas do norte, simplesmente cosidas á machina, poder-se-a obter umas cortinas leves e muito proprias para um quarto de mocinha.

Tambem ficarão muito interessantes com umas alegres guirlandas de flores recortadas em organdi de varias côres combinadas, presas no voile e na cassa com pontos de festonné de machina.

Na figura 2 vê-se em ponto grande o gracioso desenho da grinalda, o qual é de facil execução e poderá ter, por exemplo, flores azues, com miolo côr de ouro, hastes marron, e folhas em dois tons de verde.

Esse mesmo desenho poderá ornar os cantos de uma colcha, e circundar um tampo de travesseiros, enfeitar a barra da capa de uma mesa de toilette e beirar um pequeno abat-jour de mesa de cabeceira, for-

Fig. 3 e 4

mando um conjuncto completo de quarto, conforme o exige o gosto moderno.

CAPAS PARA A NOITE — Vae-se aproximando a época das companhias estrangeiras começarem suas temporadas no Municipal. Pela doçura maravilhosa das noites estrelladas, novamente se animará, ás horas do inicio e do fim dos espectaculos, a escadaria nobre do nosso melhor theatro, sob a visão de luxo e magnificencia das grandes toilettes, scintillantes sob o esplendor da illuminação electrica. Novamente, na quietude pacata das noites do Rio, o Municipal despejará a onda sedosa e rutilante dos seus assignantes, ao som do buzinar dos automoveis caros, numa visão ficticia de grande capital européa... E as sorveterias terão a lhes esmaltar o grupo de freguezes frequentadores de cinemas, a ousadia leitosa dos decotes, e a severidade fidalga das casacas.

Nossas leitoras apreciadoras de musica e de alta comedia, já principiam certamente a sonhar com as novas toilettes que lhes realçarão os encantos, este anno.

Offerecemos-lhes, pois, hoje, dois interessantes modelos de agazalhos. As capas de noite mais modernas são inspiradas ás vezes nas écharpes, como o figurino da figura 3. E' uma capa semi transparente de mousseline de sede negra, completando um vestido da mesma côr e tecido; fórma um conjuncto ideal para uma noite um pouco quente, como as que tão commummente interrompem o fio de nosso pseudo-inverno.

Outras vezes as capas são cruzadas negligentemente como os chales. A da figura 4 é de arminho russo, cuja qualidade é das mais flexiveis e que é aproveitado nesse modelo como si fora um tecido de veludo negro collante, e dará um grande de chic a uma silhueta feminina.

AS ROUPINHAS DE "JUNIOR" — Todas as crianças têm, extremamente desenvolvido, o in-

Elimine os
objectos
nojentos
substituindo-os
pelos
hygienicos
e modernos
10$
4$
8$
15$
5$
350$
150$
185$
HYGÉA

stincto bellicoso). Muitos garotos ha que aos qua tro ou cinco annos, só falam em tiros de canhão, brigas terriveis, espadas afiadas. Simulam combates contra os gatos do fundo do quintal, e nenhum presente lhes agrada mais do que uma espingardinha de páu, ou um cinturão de couro e o bonnet marcial com os quaes poderão "brincar de soldado".

Ora, pois vamos adular-lhes o gosto heroico, presenteando-os com umas roupinhas que mais parecem um campo de batalha, ou o parque de São Christovão em dias de grande parada. Os soldadinhos que qualquer mamãe paciente e geitosa fará surgir á força de pontos de cruz, não serão por certo tão lindos quanto os nossos formosos dragões da Independencia, mas poderão rivalisar com os soldadinhos de chumbo que dormem em suas caixas de papelão.

A scena se passa num rdim, como se vê pela vore que ladeia o batalhão. Essa arvore se executa, fazendo-se na base um quadrado de cinco pontos lateraes com linha brilhante marron. Todos os pontos devem encher tres buracos da talagarça, ficando os meios pontos reservados para certos logares. O tronco da arvore é feito com dois pontos marron claro, e a folhagem com verde escuro em carreiras, primeiramente crescentes e depois decrescentes para a extremidade da arvore, pintalgadas com pontos verde claro. Cada soldado se compõe de uma linha vertical. Dois pontos negros para o bonnet de cossaco, um ponto côr de carne para o rosto, dois pontos azues para a blusa, tres vermelhos para as calças. Um ponto branco horizontal, entre o casaco e as calças, marca a cintura, dois pontos brancos, tambem horizontaes representam as polainas, e por baixo destes, no mesmo buraco, dois pontos negros fazem os sapatos. A mão é executada com um meio ponto côr de carne, e a espingarda com um ponto negro vertical. O official do regimento, visto de costas, traz, como é natural, sua espada, a qual é mais curta do que uma espingarda, e seu gorro desce até á nuca, por meio de tres pontos negros, em vez de dois e um côr de carne.

Poder-se-á escolher para executar esse interessante trabalhinho, uma talagarça mais ou menos grossa, porém o numero e a disposição dos pontos são sempre iguaes.

E eis para elle uma infinidade de applicações: uma echarpe de Kascha azul rei, prolongada por uma barra de crepe da china azul marinho, terá sobre esta seis soldados manobrando ao lado de uma arvore, e o gorro de Kascha azul rei levará sobre a fita azul marinho, em vez do nome de um navio, o que já está muito sediço, outra fileira de valentes soldadinhos.

Sobre o interessante bolso de um pyjama cinza claro, beirado de rosa, um pelotão monta a guarda, emquanto que attentas sentinellas vigiam os "canhões" das mangas... e

Num babador veem-se quatro homens e um sargento, numa camisola um batalhão inteiro, noutra, um regimento guarnecendo uma escadaria por onde certamente vae subir um alto dignatario da republica, e até no estreito caminho de um cinto preto, perfila-se uma companhia de batedores em ordem de marcha.

CINDERELLA

IMPERIAL

Em Constantinopla

De Marcelle Tinayre

YLDIZ!

Franqueado o recinto, ha um palacio branco, que parece novo, com uma escadaria de marmore e janellas gradeadas.

Sobre a escadaria, officiaes, policiaes e o perfeito de Constantinopla.

Deante do *perron*, na alameda empoeirada, em pleno sol, carruagens paradas, e uma multidão de gente furiosa, que praguejá, que ulula, porque lhe recusam passagem e os soldados confiscam, sem razão e sem explicação, os apparelhos photographicos.

O Prefeito e os seus secretarios estão defendidos pelo cordão de isolamento. A's carruagens se juntam outras carruagens, e os descontentes aos descontentes. Sobre o rebordo de uma janella, um pequeno macaco, que anda fugido, faz diabruras.

Yldiz!

Dos palacios muito brancos, muito bem esculpidos, muito sobrecarregados, palacios para felizardos e millionarios, que os architectos exploram, palacios custosissimos, feios, e mais que feios, — monstruosos! e dispersos ao acaso, no jardim, um jardim que vae descendo, por uma série de ondulações, até o Bosphoro.

Como as caixas japonezas, que contêm caixas japonezas, umas nas outras, esse jardim contém diversos jardins. A carruagem deteve-se a um muro, perto de um grupo de funccionarios: "Yassak!" Discursos infinitos como a nossa paciencia. O sol queima... Passamos emfim. Mas é preciso deixar a carruagem á entrada desse segundo recinto, que encerra o terceiro recinto, o coração secreto de Yldiz, o harem.

Nós não franquearemos o terceiro recinto. O *scellés* defendem as portas, que os eunuchos negros não guardam mais. A gaiola está vazia; as aves brilhantes voaram, fugiram, foram-se embora. Principes, altos funccionarios recolheram alguns desses passaros. Os outros se deixam ficar, ás expensas da nação...

Ha trezentos e cincoenta mulheres de toda idade que esperam protectores... Tambem está vazia a casa do Grande-Eunucho, esse feio negocio que tem uma reputação de carrasco. Vazio o palacio *tarabiscoté*, construido pelo Imperador e a Imperatriz da Allemanha. Resignamo-nos a não vêr de Yldiz senão as fachadas bicornias e pelas janellas, alguns *rideaux*, alguns moveis, de um horrivel gosto allemão "art noveau". Limitamos a nossa curiosidade, ficando deante do parque.

O parque de Yldiz! Os turcos, mui gravemente, o comparam a Versailles. Elles gabavam as profundas sombras, as peças de agua, os lagos, a *ménagerie*, as cavallariças e as serras. Yldiz era o jardim do paraiso de Mahomet.

Yldiz, ó meus amigos!

Si as pessôas que o viram outr'ora lhe têm feito tantos elogios, é só para *bluffar*, para excitar a curiosidade e a admiração, e um pouco de ciume. E' delicioso ter visto o que os outros não viram! Permitte denegrir as bellezas offerecidas aos outros.

"Versailles? Ora! Si vós conhecesseis Yldiz!" Meus amigos, o pequeno jardim d'Eyoub, ingenuamente turco, vale todos os parques do Sultão.

Os parques do Sultão parecem uma grande propriedade banal, sem estylo, sem desenho, mediocremente plantado, muito mal construido. E' mais inglez que oriental — e falta-lhe frescura, a sombra espessa, a nitidez dos parques inglezes. A sua unica belleza, a unica belleza real desse logar é o que está fóra: o fundo da paizagem, o Bosphoro azul, a costa da Asia azul e malva. O resto, — ah! mystificação!

* * *

UM senhor, trazendo um fez á cabeça, louro, dôce, affavel, nos serve de guia. E' um francez, o sr. Henry, que foi, durante seis annos, jardineiro chefe de Yldiz. Elle não se admira de nos vêr illudidos.

— Bem caro, tudo isso!

— Oh, muito!

— E mal feito! A culpa não é minha, bem o sabeis. Gostaria de ter arranjado bem esses jardins, feito uma obra de arte. O Bosphoro, em segundo plano, a Asia, em terceiro — que perspectivas a abrir, que quadros bellos a compôr! Mas, nem um real! Bolsos vazios... As ferragens dos pavilhões se enferrujam, a agua se estagna nos *bassins*; a herva cresce nas alamedas; os ramos seccam, mortos, e se amontôam nas touceiras. Nem um real para as despesas! Os funccionarios do palacio rasparam tudo. E os jardineiros estão em greve.

— Em greve?

— Sim, em greve.

— E que faz a policia?

— A policia? Ora, a policia!

E ajuntou, noutro tom:

— O que elles querem é ser pagos. Não lhes pagam? Então, recusam trabalhar. Ha dois mil limoeiros, no pomar, que deviam ser postos ao ar livre, arejados... Os jardineiros dirão: "Faremos sahir os limoeiros, quando tivermos o nosso dinheiro."

E o sr. Henry accrescentou, com melancolia:

— Esses dois mil limoeiros estão perdidos.

....

Eis as impressões que trouxe dessa "maravilha", muito gabada, tão elogiada, que é Yldiz; trago-as com uma bergamota verde, que perfuma a minha estante, como um *sachet* precioso.

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

NO VOLANTE... DO AMOR

Cinema PATHE'-PALACE — Uma excellente comedia, das melhores que tem Reginald, que ha muito tempo não apparecia nas télas cariocas, para gaudio dos seus innumeros admiradores. Reginald é um galã comico de primeira ordem, pois não precisa recorrer a grande maquilagem, nem a recursos de indumentaria, para despertar o riso do publico. Bella e maleavel mascara, senso absoluto da comicidade das situações, Reginald nunca falha ao que d'elle esperam os seus admiradores. Este film, da sua série, merece, sob todos os aspectos, as gargalhadas com que o publico o brindou.

Cotação — BOM

ALTA TRAIÇÃO

DA PARAMOUNT

Cinemas CAPITOLIO e IMPERIO — Um dos melhores trabalhos de Emil Jannings, podendo considerar-se, sob todos os aspectos, uma obra que dignifica a arte cinematographica.

Cotação — BOM

DESVIOS DA VIDA

DA UNIVERSAL

Cinema PATHE' — Já ha dias nos appareceu por ahi um film, queremos crêr que da Metro, em que se estudava, embora sob um aspecto comico, a rehabilitação dos criminosos pela influencia do ambiente e pelos modernos processos scientificos. A outra tinha graça. Esta tem pouca e não impressiona pelo lado sentimental. Poderiamos até adeantar que se não fôsse vêr-se no meio d'aquella historia artistas como Betty Compson e Alec Francis, julgariamos que a cousa teria resvalado para um trabalhinho de amadores, feito aqui no Rio, por exemplo. Salve-se pois o trabalho d'estes artistas, para que a penna não trace uma cotação... desagradavel para nós.

Cotação — SOFFRIVEL

Lazanha
A nossa Lazanha faz de um símples caldo, uma saborosa sopa — Peça ao seu armazem:
MASSAS ALIMENTICIAS
AYMORÉ
V. Ex. quer receber gratis um livrinho de receitas?
Nome
Rua
Cidade
Estado
Corte o coupon e remetta para: secção de propaganda do MOINHO INGLEZ Rua da Quitanda 108 Rio

NOS CINEMAS DA AVENIDA — — (Continuação)

HOMEM!... MULHER!... PECCADO!...

DA UFA

Cinema RIALTO — Um film com idéas lá dentro. Cousa rara de vêr-se neste mundo artistico de futilidades, em que a vida, vulgarmente, é apresentada n'um aspecto falso, em que tudo é dourado, mas de um dourado que as *unhas* da realidade raspam com pouco esforço. E' o drama que se abre no coração d'um pobre chefe ferroviario, que todos os dias, com pena de não o seguir, via passar na sua estação o rapido luxuoso e brilhante. A situação está posta com grande talento e realça pelo contraste, sendo bem aproveitada pela direcção. Lil Dagover, Angelo Ferrari e o lindo sorriso de Maria Plauder, são tres elementos de primeira ordem, dos melhores que conta a cinematographia germanica, e que dão á interpretação d'esta pellicula um grande realce.

Cotação — BOM

O CAPITÃO LASH

DA FOX

Cinema PATHE' — Ha n'este interessante film da Fox uma particularidade que, sobre todas, fére a sensibilidade do publico: o contraste entre as situações sociaes dos dois heróes do argumento. Sabemos que os nervos d'uma mulher têm, por vezes, requintes extremados de exotismo, vontades desequilibradas, tendencias morbidas. Entre uma mulher formosa e elegante, embora de moral duvidosa, e o foguista de um transatlantico é difficil conceber-se um romance. No caso concreto d'este argumento da Fox, salva a situação o artista: Victor Mac Laglen é uma personalidade artistica extraordinariamente sympathica, com um *faceis* alegre e espirituoso, predispondo bem o publico para qualquer situação. Além d'isso, o film é bom pela direcção de John Blystone, pela interpretação de Victor, Claire Windsor e esse engraçadissimo Clyde Cook.

Cotação — BOM

Confortavel no inverno

fresca no verão

Assim será sua casa, si V. S. revestir seus tectos e paredes com Celotex, o maravilhoso material isolante que tão surprehendentes resultados está dando em muitos logares do Brasil.

Com Celotex, os inconvenientes das estações são eliminados completamente.

As paredes revestidas com Celotex impedem a passagem do frio, do calôr e dos ruidos.

As habitações forradas com Celotex são seccas, confortaveis no inverno e frescas no verão.

CELOTEX

INSULATING LUMBER

INTERNATIONAL MACHINERY COMPANY

RIO DE JANEIRO
RUA SÃO PEDRO, 66

SÃO PAULO
RUA FLORENCIO DE ABREU, 152

INTERMACO

RECIFE
AV. RIO BRANCO, 139

PORTO ALEGRE
RUA CAPITÃO MONTANHA, 129

ENDEREÇO TELEGRAPHICO GERAL: INTERMACO

Si me amasses assim...

— ... Entregou-se-lhe de corpo e alma. Elle era um obscuro pintor, um sonhador apenas, cheio de mocidade e de talento. Faltava-lhe, para vencer, o amor. E ella lh'o deu. Um amor immenso como o espaço, luminoso como o sol ao meio dia. Si a coragem se lhe quebrantava nos dias de infortunio, ella lh'a restituia com um sorriso ou u'a terna palavra. Foi ella que lhe serviu de modelo para o quadro que o arrancou da obscuridade e o atirou á luz embriagadora da gloria. Elle a recompensou fazendo-a sua esposa e, mais ainda, retribuindo-lhe com igual vehemencia o louco amor que ella lhe dedicava. Um dia a outra surgiu. Seduziu-a o nome aureolado do joven pintor. E o roubou á esposa. Essa lhe implorou, de joelhos, não lh'o tirar, pois que sem elle lhe era impossivel viver. Em vão! E ella tentou suicidar-se. A morte, porém, não a quiz. Na sua convalescença, elle a cercou de conforto e carinho. Confessou-lhe, entretanto, que não mais a amava.

— Elle não, cruel fôra o amor! — disse ella.

E n'uma tarde partiu para longe com outro homem que a amava de ha muito. A vida é por vezes justa: A outra, depois de ter-lhe despedaçado o coração, vingou-a. Trahiu o moço artista. E elle, contricto, arrependido, tornou aos braços della. E, termina a fita, ella perdoando o esposo sempre amado.

Eis, querida, o esboço do enrêdo de um film a que hontem assisti.

Ficamos algum tempo silenciosos. Ella brincava, distrahida, com o lencinho de seda, delicadamente perfumado. Eu fitava, scismarento, o azul do céu, pontilhado de estrellas.

E, de subito, disse-lhe, com a voz um pouco tremula:

— Oh, meu amor! Si me amasses assim... Si fossem meus teus pensamentos todos, todos os teus sorrisos que não faria eu! ?... Que não faria u, tendo por força e inspiração um amor assim, feito de ternura e de sacrificio?

Minhas forças eu as retemperaria ao calor de teus seios, inspirar-me-ia na luz suave de teu olhar.

Si me amasses assim... Seria, querida, a minha maior gloria! Seria o sonho meu mais lindo tornado em realidade!

E ella, sorrindo ironica, respondeu-me:

— Que esperança!

José Maria Senna.

PEÇAM AMOSTRAS GRATIS

Á Perfumaria Lopes

RIO
R. TIRADENTES, 34-36-38
RUA URUGUAYANA, 44
AVENIDA RIO BRANCO, 134

S. PAULO — RUA STO ANDRÉ, 20

O CHRONOMETRO DE MAIOR PRECISÃO

Cada anno que

passa funccionará melhor

seu relogio

Vulcain

AS creanças necessitam de proteina para o seu crescimento. A proteina é o elemento que mais concorre para a formação dos musculos e dos tecidos, promovendo o desenvolvimento physico e intellectual das creanças.

QUAKER OATS tem mais proteina do que qualquer outro cereal: dezeseis por cento! Além disso, possue abundante quantidade de carbohydratos, productores da energia organica. E' rico em mineraes e vitaminas. E', tambem, um alimento admiravelmente proporcionado, com relação ao seu volume, auxiliando tambem a digestão

Todos os individuos—homens e mulheres—na infancia, na adolescencia e em pleno vigor da vida, necessitam assimilar elementos productores de saude e energia, que, aliás, constituem a natureza intima de QUAKER OATS. Demais, este alimento é de um sabor delicioso, economico e facil de ser preparado. Experimente-o agora e, dentro de poucos dias, sentirá os seus beneficos effeitos.

Exija a lata Quaker. Verifique a marca e a conhecida figura do Quaker, adquirindo assim a certeza de obter genuino Quaker Oats.

Quaker Oats

056

ESPIRITO ALHEIO

Dono da casa (*que dominára o ladrão*): — Que azar! Este biltre me escapa por causa do maldito telephone...

SUPERSTIÇÃO

O freguez — A nossa nota era de treze mil réis, e você nos fica com quatorze. Vê-se que é um sem-vergonha!

O garçon — Não, senhor; sou supersticioso.

— Não sabe cumprimentar os seus superiores?
— Sim, meu capitão. Leva-se a mão ao kepi.
— E então, estupido, por que não o faz?
— Porque me esqueci do kepi.

ESCOLHA FACIL

— A que ficará com o logar.

— Darei ao meu novo cavallo, que acabo de comprar, o nome de "Más noticias."

— Por que?

— Porque quero ganhar o grande premio do Jockey ou do Derby, e as más noticias vôam.

A senhora — Acha que as provas contra meu marido são sufficientes para que me seja concedido o divorcio?

O advogado — Acho, sim... Além do mais, estou certo de que elle me facilitará gostosamente outras provas que se tornem precisas...

O SUICIDIO

O moço pallido passeia o seu desalento de um para outro lado da alcova silenciosa.

De quando em quando, de seus labios desanimados se escapa, repetida, esta exclamação dolorosa: "Que vida! Que vida!..."

Ha, nesses vocabulos, todas as desesperanças do desespero...

O moço pallido sente o tédio da vida, e suspira pela morte.

Como seria bom morrer!

E occorrem-lhe á lembrança os versos amargurados do poeta:

Morrer, dormir, não mais!...
Termina a vida.
E, com ella, terminam nossas dô-
res!...

Julga-se o mais desgraçado dos desgraçados!

De passagem, toma de sobre a mesinha de cabeceira o volume I do seu Montaigne. Abre-o ao acaso, e seus olhos pousam justamente sobre o: *Faictes place aux aultres, comme d'aultres vous l'ont faicte...* do Capitulo XIX...

Não quer lêr mais nada; fecha o livro e sacóde-o para longe; só quer morrer; só quer ceder logar a outrem, que venha soffrer neste diabo de mundo o mesmo tédio que elle soffre...

Por que?...

Elle mesmo não o sabe; arca ao peso dum aborrecimento maximo, inelutavel... A morte seria a libertação! E elle vae morrer! Não ha outro remedio...

Um revólver, um tiro, e... prompto! — tudo acabado! O descanso! O socego!

O revólver está ali mesmo, na gaveta da secretária, carregado, prompto, serviçal.

Dois passos, e o moço pallido tem-no nas mãos. Um gesto, e o seu cano nickelado já lhe ameaça o pavilhão auricular...

Mas, nisto, um pensamento lhe acóde:

— "A deflagração póde ser estrondosa demais... E assim, tão perto do ouvido..."

O braço pende-lhe devagarinho e o revólver volta novamente para o fundo da gaveta, a dormir o seu somno inoffensivo.

O moço pallido recomeça a passeiar o seu immenso desconsôlo de um para outro lado da alcova silenciosa. E reflecte:

— "Se tivesse dado ao gatilho, seria o diabo! Poderia ter ficado surdo..."

MUCIO DE CASTRO SERRA.

Um Noivo Moderno

De Pierre Bellevales

A familia Lombert habita, em Reims, cidade de guarnição, um modesto appartamento, no rez-do-chão.

O sr. Lombert, honesto chefe de secção n'um grande armazem da cidade, gosta de sentar-se, ao fim do dia, em frente á sua casa, cuja calçada está abrigada do vento.

Depois de jantar, fumando o seu cachimbo e lendo o seu jornal, á cavalleiro sobre uma cadeira, experimenta com serenidade todo o bem estar da hora calma e aprazivel. Nesse momento, elle não trocaria certamente o seu logar pelo de um rei...

Madame Lombert, a sua esposa, é uma excellente dona de casa, que dirige com muito gosto, ordem e economia, a vida interna da casa. Quanto a miles. Juliette e Luisa, suas filhas, são lindas, e respectivamente de dezoito e dezesete annos.

Julietta, a primogenita, recebeu uma instrucção magnifica, uma educação admiravel. Conhece, a fundo, todos os segredos de uma casa. Mas é preciso reconhecer-lhe um defeito, que prejudica as suas qualidades: tem um caracter violento.

Julietta não quer occupar-se com Luisa, que teria necessidade de ser guiada nos estudos e tratada com carinho. Supporta-a mal. Tudo que Luisa faz a enerva. Tudo o que ella diz a irrita. E' que Julietta não tem senão um desejo, um orgulho, uma ansiedade: casar-se!

Ah, sim, casar o mais depressa possivel, para se subtrair ás ordens dos paes, para escapar á prisão paterna, para dirigir a sua casa á sua vontade. E para mandar no marido, já se vê!

A familia Lombert móra na rua Arcabuz. Não é longe do quartel de infantaria. Militares de todos os postos passam deante de sua casa, continuamente.

Uma tarde de junho, um sub-official do 87, bello rapaz, bem fardado, passou perto do sr. Lombert que, como de costume, repousava á sua porta, e pediu-lhe fogo para o cigarro. E' um favor que se não recusa. No dia seguinte, o sargento o cumprimentou. No outro, entravam a palestrar. Ao fim da semana o sr. Lombert offerecia uma cadeira ao sargento.

Dentro em breve, as senhoritas adquiriram o habito de pôr uma cadeira no lado de fóra, junto á do pae. As apresentações se fizeram, e o militar encantou toda a familia. Toda a familia, excepto a mamã, que mantinha em reserva.

Quando viu que o sargento fazia a corte á Julietta, interrogou o seu marido.

— Já havia notado o namoro, respondeu elle. Mas que inconveniente haverá nisso? Julietta está na idade de casar. E o sargento é um excellente rapaz.

— Acreditas nisso? disse Mme. Lombert. Repare como a sua linguagem é vulgar. E depois, fala sempre de sua pessôa — Elle sabe tudo. Elle conhece tudo. Elle entende de tudo. E' um fatuo! E' um prosa!

— Mas não! Vê, minha bôa Celina. Elle fala como um filho de familia. Habita um castello. E' um bello partido. E' alguem. Póde estar certa disso. Em todo caso, não te inquietes: o momento chegou. Tomaremos informações.

Agora Julietta e o militar passeiam aos domingos. O sr. Lombert já está arrependido de não ter pedido informações seguras sobre o noivo.

— Não te atormentes, replicou o sr. Lombert. Esse rapaz tem um brilhante futuro, deante de si. Os seus paes possuem uma velha herdade, especie de castello sumptuoso.

— E' elle quem o diz.

— Vejamos! Essas coisas não se inventam. Em tres mezes, Raymundo Perrin (era o nome do sub-official) terá terminado o seu tempo. Irei com elle até lá. Farei uma viagem. Portanto, não me pode enganar... Como és desconfiada, minha velha!

* * *

Certa manhã, Julietta arranjou um pretexto para sahir, e ficou tanto tempo fora de casa, que a sua mãe foi procural-a.

Descobriu-a, sentada num banco de jardim publico, ao lado do sargento. Tão absorta ella estava que esquecera a familia.

Mme. Lombert comprehendeu que era tempo de se explicar com a filha.

— Como! disse ella, de volta á casa, esse cavalheiro vem aqui, quasi todos os dias. Pode falar-te á vontade. Damos-lhe o direito de passeiar comnosco, aos domingos. E no emtanto, elle te attráe para passeios clandestinos! E' um escandalo!

Esse processo não é de gente séria.

Julietta zangou-se.

— Sou livre! disse ella. Posso amar a quem quizer! E peço-te que fales nelle com certa educação!

— Espera! Que pensas tu, atrevida? Conheces esse patife?

— Conheço-o bastante para saber que elle é de uma estirpe acima da nossa! respondeu Julietta insolentemente.

A joven, embriagada pela fortuna em perspectiva, altiva de chamar-se, brevemente, Mme. Perrin de Vangedoc, havia perdido a cabeça. Pensae bem! O noivo lhe havia confiado o titulo que elle usava na vida civil. Elle lhe havia descripto o seu castello das margens "de la Garonne"... Havia dito que os seus paes queriam fazel-o casar com uma rica herdeira do Midi, mas que lhes havia respondido que a sua futura esposa era Mlle. Julietta Lombert, que não queria ouvir falar de outras moças.

— Escuta, fez a mãe, acalmando-se, subitamente. Não sou hostil ao teu casamento. Si confias nelle, basta. Está tudo acabado. Si, dentro de oito dias, o que me contas, se verificar, serei a primeira a felicitar-te. Mas tu me vaes dar uma semana para tomar informações sobre o teu noivo.

— Oh, sim! Faze o que quizer, mamãe. Estou certa de que o amo. Em oito dias, tudo estará terminado.

Cabeçuda, teimosa, Mme. Lombert obrigou o seu marido a escrever ao *maire* do burgo onde o sargento morava, e mandou Julietta para a casa da tia.

Dias depois, a resposta do *maire* chegava assim concebida:

"O sub-official Perrin Reymundo é filho da communa. Móra, com effeito no castello do sr. conde de Vangedoc, onde o seu pae é jardineiro. A familia Perrin occupa, no parque, uma casa construida á margem do Garonne. Até aqui o joven tem auxiliado o seu pae nos trabalhos de jardinagem. Ignoro si tem outro emprego. Desde algum tempo é noivo de uma senhorita do burgo, que está a meu serviço. O casamento deve realizar-se dentro de alguns mezes".

Chamaram Julietta, e mostraram-lhe a mensagem que destruia as suas illusões. Mme. Lombert, que vira bem as coisas, não tinha cara de haver triumphado. Abriu os braços, e a sua pobre Julietta desmaiou. Luiza cobriu-a de beijos, e ajudou sua mãe a prodigalisar-lhe carinhos.

Quanto ao sr. Lombert, ficou furioso de se ter deixado illudir. Na sua colera, escreveu ao sargento:

"Senhor,

Conhecemos as suas proezas. Sabemos que o sr. é capaz de fazer, em Garonne, na casa do jardineiro do sr. Vangedoc. Queira acceitar as nossas despedidas. Apresente as nossas felicitações á criada do *maire* de sua terra, e faça o favor de não voltar á nossa casa, si não quer ser mal succedido."

Um Excellente Negocio

De ROGER REGIS

O sr. Frispoulet estava desde muito cêdo em sua officina. Era um dos primeiros armeiros da cidade e a abertura da casa estava proxima: de todas as partes recebia pedidos.

Era um homem conscienciose e ordenado, que detestava esperdiçar o tempo e se encolerizava na presença dos inuteis.

Naquella manhã, estava elle escrevendo uma carta á sua melhor cliente, quando chamaram á porta.

— Adeante! — disse com mau humor.

Entrou um sujeito barrigudo, com a roupa usada, mas correcto. Com volubilidade, falou nestes termos:

— Senhor, sou corrector e commitente de varios artigos, e a minha clientela é a mais escolhida. Considerar-me-ia feliz si quizesse fazer parte della.

— Que tem o senhor para offerecer-me? — perguntou o sr. Frispoulet, para vêr-se livre do importuno.

— Uma soberba villa, edificada á margem do rio. Vista maravilhosa, occasião excepcional, facilidades de pagamento.

— Obrigado. Para nada me serviria essa villa.

— Então — ajuntou o corrector, tranquillamente — posso propor-lhe um automovel 24 H. P. de quatro assentos e que tem andado pouco.

— Obrigado. Não tenho desejo de rodar.

— Comprehendo-o perfeitamente, e tenho á sua disposição uma bella machina hydraulica, muito com moda para jardim.

— Obrigado. Não necessito della.

— Nesse caso, que diria o senhor das obras de Calixto Cadencio, encadernadas em couro com dourados e laminas?

— Que me interessam ellas?

— Certamente haverá de interessar-se por uma banheira automatica..., modelo novo, duração garantida.

— Engana-se o senhor.

— Alguma ou outra vez. Toda via uma soberba collecção de estampilhas, algumas rarissimas, é bem tentadora. Que diz?

Dê bom começo á refeição

Haverá o que seja melhor do que uma sopa engrossada com a Maizena Duryea, cujo sabor será impossivel de se conseguir com outro ingrediente? E para bem terminar a refeição, sirva uma das deliciosas sobremesas descriptas no livrinho da cozinha da Maizena Duryea que V. S. posse nos pedir.

Insere-se aqui o clichê que se manda com o nome do agente local que damos no contrato

GRATIS

MAIZENA DURYEA

INSTITUTO HYGIENICO

— DE —

Mme. ELLA

unica representante dos afamados productos da Academie Scientifique de Beauté de Paris, e da Marca registrada *Glicia* que são incomparaveis, para emmagrecer, o creme adstringente Lysial Nº. 15, faz o effeito espantoso, tratamento da cutis, massagens, Electrolise, galvanisação raio violete, raio solar, raio azul, para acné e espinhas. Banho de Luz para emmagrecer o ventre. Manicure de primeira ordem, embellezamento das sobrancelhas.

. . .

Becco Manoel de Carvalho nº 16-1.º

Esquina da Rua 13 de Maio

Telephone 3091 Central

— Maldito o que me tenta!

— O senhor é difficil de contentar, o que prova o seu bom gosto. Mas tenho com que lhe ser util. Que diria de um formoso par de botinas com sola dupla e elasticos reforçados?

— Não penso em mudar de sapateiro.

— E' muito justo. Mas veja o senhor este maravilhoso estilographo, que permitte escrever sem tinta e sem orthographia. Custa cinco mil réis! E' dado!

O sr. Frispoulet, aborrecido, não respondeu. Alçou os hombros e continuou escrevendo.

— Agora ouça — proseguiu o cacête — o senhor precisa de botões para os punhos, systema pouco conhecido. Dois mil e quinhentos!

Desta vez o sr. Frispoulet não se póde conter: poz-se de pé e deu um grande murro na mesa:

— Quer o senhor deixar-me em paz?

Sem pestanejar, o commitente levantou do solo o tinteiro que havia rolado no tapete.

— Nada tema — disse elle. — O senhor póde continuar a escrever. Eu sempre trago tinta no bolso.

Um excellente negocio

(Conclusão)

— o —

E entornou no tinteiro o conteúdo de um recipiente achatado.

— Tinta especial, indelevel, marca "Troglodita". Custa 500 réis o vidro, cavalheiro.

— Ahi os tem o senhor e livre-me da sua presença.

Com muito gosto. Sempre ás suas ordens.

Já ia embora, quando o armeiro teve uma idéa. Levantou-se e com os olhos de tigre deteve o passo ao vendedor da praça.

— Senhor! — disse elle. — Não precisa o senhor de um canhão?

— Não, não! — balbuciou o pobre homem assustado.

— Então, não me comprará um fuzil Gras, em bom estado?

— Tambem não!

— E que me diria de uma pistola de dois canos?

— Não diria nada! Deus me livre!

— Então — disse com voz de trovão, o sr. Frispoulet, sacudindo o braço do corrector — o senhor vae comprar-me uma camisa de revolver.

Depois, ajuntou:

— Serve para o senhor metter dentro della o seu fumo. E não custa senão um mil réis. Quasi de graça!

— Com muito gosto — disse o infeliz contente de poder escapar.

O sr. Frispoulet deixou o sojeito; guardou a carta que escrevia; e emquanto o intruso desapparecia, exclamou:

— Perdi um quarto de hora. Mas ganhei tinta, e este intruso não voltará mais a cacetear-me.

E já tranquillo, estava disposto a recomeçar a carta, sentado á mesa, quando se deteve a olhar pela janella, o vendedor que voava.

E elle considerava comsigo que si todos os que se vêem assediados por importunos vendedores usassem da sua mesma tactica, o numero delles diminuiria por certo.

O vendedor, sem duvida, devia ter raciocinado: "Quem não arrisca, não petisca!"

E assim é o mundo: não se póde pensar pela mesma cabeça, nem agir pelo mesmo modo.

Picadas de Insectos
são causadoras de grandes dôres e muitas vezes dão logar a infecção seguida de molestia grave. A dôr causada pela mordida e ferroada dos insectos, mosquitos, abelhas e aranhas, é immediatamente alliviada com uma applicação d'
A MARAVILHA CURATIVA DE HUMPHREYS.
Este admiravel medicamento devia estar sempre no armario de remedios em todos os lares, pois que não somente é bom para picadas de insectos, mas constitue tambem um excellente remedio para:
Talhos e feridas laceradas
Contusões, torceduras e luxações
Queimaduras e escaldaduras
Dôres rheumaticas
Lumbago
Nevralgia
Inflammação da garganta
Excoriações
Queimaduras do sol
E PARA USO GERAL DO TOUCADOR
Vende-se em todas as Pharmacias
HUMPHREYS' MEDICINE COMPANY
Conner Prince and Lafayette Sts.
New York City, U. S. A.
MARAVILHA CURATIVA
DE
HUMPHREYS
MARAVILHA CURATIVA
HUMPHREYS' MEDICINE COMPANY
14-C